

Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

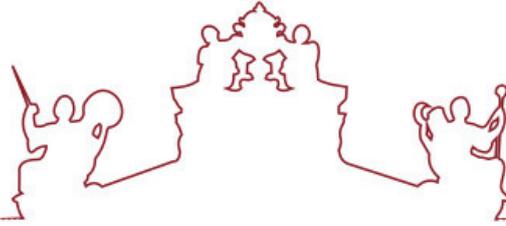
**A experiência topofílica neerlandesa - impressões, percepções
e atitudes**

António Pedro Ribeiro Castro

Orientador(es) | Aurora da Conceição Parreira Carapinha

Évora 2023





Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

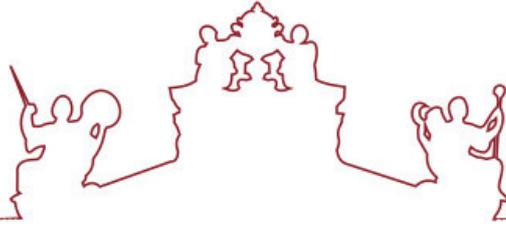
**A experiência topofílica neerlandesa - impressões, percepções
e atitudes**

António Pedro Ribeiro Castro

Orientador(es) | Aurora da Conceição Parreira Carapinha

Évora 2023





O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências e Tecnologia:

Presidente | Maria Freire (Universidade de Évora)

Vogais | Aurora da Conceição Parreira Carapinha (Universidade de Évora) (Orientador)
Paula Maria Simões (Universidade de Évora) (Arguente)

RESUMO

A EXPERIÊNCIA TOPOFÍLICA NEERLANDESA - IMPRESSÕES, PERCEÇÕES E ATITUDES.

Este relatório foi desenvolvido ao longo de um estágio profissional de seis meses, num atelier de arquitetura paisagista e urbanismo localizado em Roterdão, nos Países Baixos, um país com um contexto geográfico consideravelmente distinto e distante do português. É esta discrepância notável que motivou a elaboração de um “diário” ao longo deste período. Baseado na minha experiência pessoal e profissional, complementado por literatura e entrevistas, neste diário procurarei descrever a evolução da minha percepção e vivência do ambiente holandês assim como relatar a experiência pessoal da construção de um sentimento topofílico. Ao ponderar as expectativas, primeiras impressões e fundamentos sobre um outro modo de pensar a arquitetura paisagista e a paisagem, pretendo também compreender o processo através do qual um sítio se consolida como lugar. Estando integrado numa equipa multidisciplinar, de antecedentes diversos, foi-me permitido analisar os pontos em que a escola paisagista holandesa se aproxima, ou distingue, não só da minha atitude perante a paisagem, mas também das visões globais dos restantes membros da equipa.

Palavras-chave: Arquitetura Paisagista; Topofilia; Percepção; Atitude; Diário

ABSTRACT

THE DUTCH TOPOPHILIC EXPERIENCE - IMPRESSIONS, PERCEPTIONS AND ATTITUDES.

This report was developed during a six-month professional internship in a landscape architecture and urban planning studio located in Rotterdam, the Netherlands, a country with a geographical context that is considerably different and distant from Portugal. It's this remarkable discrepancy that prompted the writing of a journal during this period. Based on my personal and professional experience, complemented by literature and interviews, in this diary I will try to describe the evolution of my perception and experience of the Dutch environment as well as the personal experience of building a topophilic feeling. By weighing up the expectations, first impressions and foundations of another way of thinking about landscape architecture and the landscape, I also aim to understand the process by which a site consolidates itself as a place. Being part of a multidisciplinary team with diverse backgrounds allowed me to analyse the points at which the Dutch landscape school comes closer to, or differs from, not only my attitude towards the landscape, but also the overall visions of the other team members.

Key words: Landscape Architecture; Topophilia; Perception; Attitude; Journal

a Évora,
por me receber tão amavelmente.

aos meus pais,
por todo o apoio.

à Professora Aurora,
por partilhar do fascínio e paixão pelo belo.

ao André e João,
pela paciência e companheirismo.

aos meus amigos,
pela amizade e companhia inabalável.

à Noca,
pela ajuda e cumplicidade.

à Beatriz,
por tudo.

ao José, Marco, Anke, Enrico, Elien e todos os outros,
por fazerem de Roterdão um lugar.

CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	12
EXPECTATIVAS	14
PRIMEIRAS IMPRESSÕES	17
NOTAS DA AFEIÇÃO AO LUGAR	25
INTERLÚDIO LUSITANO E A PRIMAVERA NEERLANDESA	33
EO WIJERS 2023	36
O VERÃO TEMPERADO	39
EPÍLOGO NEERLANDÊS	42
BREVE HISTÓRIA DA ARQUITETURA PAISAGISTA NOS PAÍSES BAIXOS	47
A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NEERLANDESA: NATIVOS E EXPATRIADOS	57
ASPETOS DA ATITUDE NEERLANDESA	62
HET PARK- PERCEÇÕES E AFETIVIDADES	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Aspeto da Rua Schiedamseweg. Fonte: Autor, janeiro 2023</i>	18
<i>Figura 2 - Lijnbaan. Fonte: Autor, janeiro 2023.</i>	18
<i>Figura 3 - Bojimans Van Beuningen. Fonte: Autor, janeiro 2023.</i>	18
<i>Figura 4- Canal em Nieuwue Binnenweg. Fonte: Autor, janeiro 2023</i>	18
<i>Figura 5 - Schouwburgplein. Fonte: Autor, janeiro 2023.</i>	18
<i>Figura 6 - Het Park. Fonte: Autor, janeiro 2023.</i>	19
<i>Figura 7 - Perspetiva do Euromast a partir do Het Park. Fonte: Autor, junho 2023</i>	20
<i>Figura 8 - Perspetiva da margem do canal em Coolhaven. Fonte: Autor, março 2023</i>	20
<i>Figura 9 - Moinho na vizinhança de Delfshaven. Fonte: Autor, fevereiro 2023</i>	22
<i>Figura 10 - Campos de Galanthus sp.. Fonte: Autor, fevereiro 2023</i>	22
<i>Figura 11 - Atelier Juurlink [+] Geluk a 10 de março de 2023. Fonte: Autor, março 2023</i>	23
<i>Figura 12 - Atelier Juurlink [+] Geluk a 13 de março de 2023. Fonte: Autor, março 2023</i>	23
<i>Figura 13 - Maquete de trabalho: Bergen Op Zoom. Fonte: Autor, fevereiro 2023</i>	24
<i>Figura 14 - Pormenor do projeto de Parkhaven na maquete. Fonte: Autor, abril 2023</i>	24
<i>Figura 15 - Het Park, abril de 2023. Fonte: Autor, abril 2023</i>	26
<i>Figura 16 - Visualização para o projeto De Kroon. Fonte: Autor, abril 2023</i>	28
<i>Figura 17 - Diagrama para o concurso de Coevorden. Fonte: Autor, março 2023</i>	28
<i>Figura 18 - Visualização para o projeto De Kroon. Fonte: Autor, abril 2023</i>	28
<i>Figura 19 - A Pasquetta. Fonte: Autor, abril 2023</i>	29
<i>Figura 20 - Kralingse Plas Bos, abril de 2023. Fonte: Autor, abril 2023</i>	29
<i>Figura 21 - Harleem, abril de 2023. Fonte: Autor, abril 2023</i>	30
<i>Figura 22 - Biblioteca vernacular. Fonte: Autor, abril 2023</i>	30
<i>Figura 23 - Harleem, abril de 2023. Fonte: Autor, abril 2023</i>	30
<i>Figura 24 - Trompenburg Arboretum. Fonte: Autor, abril 2023</i>	30
<i>Figura 25 - Het Park, abril de 2023. Fonte: Autor, abril 2023</i>	31
<i>Figura 26 - Roseiral do Jardim Botânico do Porto, verão de 2023. Fonte: Autor, setembro 2022.</i>	32
<i>Figura 27 - Aspeto da cidade de Friburgo, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	34
<i>Figura 28 - Aspeto da cidade de Estrasburgo, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	34
<i>Figura 29 - Arruamento, Rieselfeld, Friburgo, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	35
<i>Figura 30 - Aspeto do Bairro de Rieselfeld, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	35
<i>Figura 31- Dominância permeável, Rieselfeld, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	35
<i>Figura 32 - Aspeto do Bairro Vauban, maio de 2023. Fonte: Autor, maio 2023</i>	35
<i>Figura 33 - Propostas para as novas dinâmicas hídricas (água doce e salgada), EO Wijers 2023. Fonte: Autor, adaptado do documento final, Juurlink [+] Geluk, maio 2023</i>	37
<i>Figura 34 - Economia do Futuro: do aumento da escala à diversidade de escalas. Fonte: Juurlink [+] Geluk, adaptado do documento final, maio 2023</i>	38

<i>Figura 35 - Esquema relativo à composição e dinâmica de equipa de Projeto.</i>	
<i>Fonte: Autor, adaptado do documento final, Juurlink [+] Geluk, maio 2023</i>	38
<i>Figura 36 - Piquenique no Het Park, junho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	39
<i>Figura 37 - Trompenburg Arboretum, junho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	39
<i>Figura 38 - Heliofobia neerlandesa, Het Park, junho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	40
<i>Figura 39 - Dunas nos arredores de Haia, junho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	41
<i>Figura 40 - Dunas em Terschelling, próximas do potencial natural da paisagem neerlandesa. Fonte: Floor Hendrickx, 2018. Adaptado pelo autor</i>	41
<i>Figura 41 - Envolvente no Rijksmuseum, junho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	41
<i>Figura 42 - Análise espacial da envolvente da cidade de Oirschot. Fonte: Autor, junho 2023</i>	42
<i>Figura 43 - Aspeto de Nieuwe Binnenweg, 2022. Fonte: Adaptado de Inderbuurt.nl em “ https://indebuurt.nl/rotterdam/toen-in/de-nieuwe-binnenweg-van-no-go-area-naar-hippe-hotspot-195277/”, consultado a 15 de agosto de 2023.</i>	43
<i>Figura 44 - Schouwburgplein, julho de 2023. Fonte: Autor, junho 2023</i>	43
<i>Figura 45 - Perspetiva a partir da estação central de Amesterdão, julho de 2023. Fonte: Autor, julho 2023.</i>	44
<i>Figura 46 - Ponte Pythonbrug, perspetiva Sul-Norte, Julho de 2023. Fonte: Autor, julho 2023</i>	44
<i>Figura 47 - Exemplares de Pinus nigra nos viveiros Ebben. Fonte: Autor, julho 2023</i>	45
<i>Figura 48 - Aspeto dos viveiros Ebben, julho de 2023. Fonte: Autor, julho 2023</i>	45
<i>Figura 49 - Mapa de Amsterdamse Bos, 1937. Adaptado de Amsterdamshigts em “https://www.amsterdamsights.com/attractions/amsterdamse-bos.html”, consultado a 18 de agosto de 2023</i>	48
<i>Figura 50 - Local e data de conclusão dos pólderes da zona centro-oeste dos Países Baixos. Adaptado de Meeus & Vroom (1986, p. 6)</i>	49
<i>Figura 51 - Plano de Noordoostpolder. Adaptado de Meeus & Vroom (1986, p. 7)</i>	49
<i>Figura 52 - Plano de Develpark por Hans Warnau. Adaptado de Heyde (2017, p. 66)</i>	51
<i>Figura 53 - Esboço para Jardim de Stove por Hans Warnau. Adaptado de Heyde (2017, p. 64)</i>	52
<i>Figura 54 - Plano de Flevopolder. Adaptado de Meeus & Vroom (1986, p. 11)</i>	52
<i>Figura 55 - Colagem de Yves Brunier, Museum park, Roterdão (1992). Adaptado de LandscapeTheory1 em “https://landscapetheory1.wordpress.com/tag/yves-brunier/”, consultado a 15 de setembro de 2023.</i>	54
<i>Figura 56 - Foto área de Zaaneiland, pelo grupo Hosper (1992). Adaptado de Dooren (2017, p. 143)</i>	54
<i>Figura 57 - Aspeto do Het Park, primavera de 2023. Fonte: Autor, março 2023</i>	68
<i>Figura 58 - Mapa Topofilício de Roterdão (I), Impressão inicial. Fonte: Autor, agosto 2023</i>	70

<i>Figura 59 - Mapa Topofilício de Roterdão (II), Familiaridade e Rotina. Fonte: Autor, agosto 2023.</i>	70
<i>Figura 60 - Mapa Topofilício de Roterdão (III), Descoberta das vizinhanças Norte e Kranlingse Plas. Fonte: Autor, agosto 2023.</i>	71
<i>Figura 61 - Mapa Topofilício de Roterdão (IV), Situação Final. Fonte: Autor, agosto 2023.</i>	71
<i>Figura 62 - Secção estilizada do parque proposto para o projeto Barendrecht Food District. Fonte: Autor, julho 2023.</i>	72
<i>Figura 63 - Visualização para o projeto de Barendrecht Food District. Fonte: Autor, julho 2023</i>	72
<i>Figura 64 - Plano geral proposto para o concurso de Emmen. Fonte: Autor, maio 2023</i>	73

INTRODUÇÃO

Um dos tópicos fundamentais abordado por Yi Fu Tuan na sua obra *Topophilia* (1974) apresenta o papel da cultura, contexto geográfico e experiência pessoal na percepção individual e coletiva do ambiente. A experiência cumulativa que é viver, ser exposto e contaminado pelo que nos rodeia molda quem somos e como percebemos o mundo - estabelece a nossa atitude face ao ambiente e à paisagem. Tratando a Arquitetura Paisagista da paisagem e da forma como esta é percebida, é necessário ter em conta estes conceitos na ponderação holística característica da profissão, o que considero como algo pertinente.

As diferentes camadas do sentimento topofílico procuram ilustrar a interação entre o Homem, estas condicionantes e o ambiente. Partindo de um sentimento passageiro, da impressão estética do visitante, que se sedimenta, constrói e evolui até à familiaridade e ao sentimento de pertença do residente, é possível ilustrar o fenómeno através do qual um local se transforma num lugar. Estando agora consciente destas diferentes camadas de diferentes afetividades com o mesmo espaço, poder experienciá-las em primeira mão, num contexto inteiramente alóctone, é algo que se torna particularmente interessante.

Dada a oportunidade e liberdade, que me foi concedida, de realizar um estágio num atelier à escolha, estando exposto a atitudes e visões globais diferentes - por vezes antagónicas - às minhas, e o interesse em ensaiar esta experiência em primeira mão, decidi dedicar o meu relatório de estágio a este ensaio topofílico. Ao longo deste estágio construí um "diário de bordo" que orbita entre a minha relação afetiva com este novo ambiente e a ilustração contínua da viagem entre os meus preconceitos, impressões e percepções face a este país, ao povo neerlandês, à paisagem e à Arquitetura Paisagista. Estas impressões foram complementadas pela minha experiência e pela bibliografia, para possibilitar a compreensão de como o contexto geográfico-cultural pode ser responsável por moldar o modo como percebemos o ambiente. Ao entender as características e particularidades da paisagem, a sua evolução e a história da arquitetura paisagista será, posteriormente, possível destacar aspetos da atitude neerlandesa perante a paisagem.

Tendo o caráter pessoal e afetivo do diário, com ênfase na minha percepção e relação com o país e a cidade de Roterdão, procurarei também documentar e compreender a motivação por trás da criação de um lugar. Comparar a minha valoração e justificação com a de terceiros, procurando entender qual a sua relação com o lugar, a sua importância e o seu uso, será também interessante para estabelecer diferenças entre atitudes. A importância da experiência, memória e a influência das relações interpessoais para o desenvolvimento da afeição ao lugar é um assunto que tem despertado o meu interesse ao longo do meu percurso académico e que procuro aprofundar neste ensaio.

Compreendidas estas questões, pretendo então estabelecer similaridades e divergências entre a minha atitude, a minha formação e a manifestada na prática profissional da arquitetura paisagista neerlandesa, identificando os fatores responsáveis por originar estas disparidades. Dadas as particularidades de estar integrado numa equipa multidisciplinar cujos elementos são originários de lugares tão diferentes, será também interessante e pertinente perceber a opinião dos meus colegas sobre o método holandês.

Em suma, procuro, com este ensaio, proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre a importância da percepção da paisagem na arquitetura paisagista e como poderá moldar a nossa atitude como indivíduos e profissionais. Através da experiência direta com diferentes perspetivas e práticas, tenho a oportunidade de ampliar a minha visão e compreender como as diversas culturas e contextos geográficos influenciam as escolhas e decisões na prática da Arquitetura Paisagista.

METODOLOGIA

Durante os seis meses do período de estágio, os meus preconceitos, impressões e teorias foram apontados num diário semanal, partindo muitas vezes do trabalho executado no atelier nessa semana e de conversas tidas com os colegas ao almoço. O ato de experienciar a cidade acabou também por levantar questões e introduzir novos temas a explorar, sejam visitas ao parque, passeios de bicicleta ou saídas que me levaram a um lado até então desconhecido de Roterdão. Confrontado com esta nova realidade é também através do diálogo com colegas arquitetos paisagistas portugueses que surgiram outros tópicos a explorar, teorias e fundamentações para particularidades distintas que saltaram à vista por serem alóctones e antagónicas à minha realidade. Às impressões semanais acabei por associar, sinestesticamente, uma cor, ou conjuntos de cores, que refletem, de alguma maneira, o meu ânimo durante a respetiva semana.

A este diário acrescenta-se também, sempre que pertinente, o trabalho que fui produzindo durante os seis meses de estágio, dentro e fora do atelier, desenhos e fotografias. É aí que se encontra frequentemente o rastilho - ou justificação - que leva a um apontamento, uma discussão, um confronto com uma realidade e perceção tão diferente da minha. O registo fotográfico funciona como auxiliar de memória, um registo daquele lugar e momento que posso invocar para fundamentar a minha relação com o mesmo.

Associado à descoberta da cidade e da afeição a novos lugares foi também construído um mapa topofilico, acumulativo e hierárquico, composto por lugares, vizinhanças e percursos, agrupados entre a impressão estética e o espanto e a familiaridade e afeição ao lugar. Desta maneira, é possível compreender de que modo me fui relacionando com a cidade, quais os espaços que mais me cativaram, assim como os motivos por trás desta afeição.

As entrevistas esporádicas e o diálogo com os colegas foram complementares ao diário, permitindo uma perspetiva exterior aos meus preconceitos, experiências e a conceções de diversas perceções, atitudes e decisões perante a cidade, a paisagem e a arquitetura paisagista.

De um modo similar, as entrevistas realizadas no atelier procuram esculpir não só a atitude holandesa perante a paisagem e a arquitetura paisagista, comprovando (ou não) as minhas perceções, mas também entender as impressões dos meus colegas sobre o método holandês e as suas particularidades que podem ser tidas como vantajosas

ou desfavoráveis. De um modo análogo, as entrevistas realizadas aleatoriamente no *Het Park* procuram comparar a minha apreciação e relação com o lugar com a de outras pessoas; compreender como o público usufrui do parque e o que apreciam nele foram as questões a que se procurou responder nestas entrevistas.

Registadas as impressões e possíveis teorias, a pesquisa complementar sobre a atitude holandesa, a sua relação com a paisagem e a escola paisagista holandesa, procura fundamentar ou refutar as teorias que propus, acabando também por justificar muitas das questões que não consegui responder. A barreira linguística e a lacuna provocada pela inexistência de bibliografia fundamental ao tema, poderá levar a uma interpretação mais solta, principalmente no que toca às obras de Warnau e Bijhouwer, arquitetos paisagistas neerlandeses influentes no séc. XX. Ainda assim, foi encontrada bibliografia pertinente ao tema, relativa à relação holandesa com a paisagem, a evolução da paisagem, a história da arquitetura paisagista, entre outros. Confrontar esta teoria e a bibliografia com a realidade foi algo que tentei abordar nas entrevistas com os colegas no atelier, não só para entender se era algo visível na maneira como o trabalho é realizado, mas também compreender as suas visões sobre esta atitude.

O regresso ao contexto português revela-se como a evidência definitiva das similaridades e diferenças entre estes dois mundos, colocando também em questão a forma como a minha perceção pode ser provisória ou definitivamente alterada depois desta experiência. Será importante questionar-me e permanecer atento e autocrítico durante este reassentamento, para que detalhes mundanos e rotineiros, mas imensamente importantes, não escapem e uma imagem global mais fidedigna possa ser definida.

EXPECTATIVAS

A escolha dos Países Baixos para este estágio curricular foi ponderada, considerou aspetos de conforto e inquietação em proporções similares. De um lado, a notória facilidade neerlandesa com o idioma inglês e a multiculturalidade de uma cidade tão grande apazigua o terror de me encontrar sozinho num sítio onde não consigo ser compreendido. Por outro lado, considerei a minha apreciação e interesse pela pintura holandesa dos velhos mestres, a *pintura de paisagem*, a chance de visitar museus e ir à descoberta da minha ideia (e ideal) da paisagem holandesa: um verde intenso e dominante de uma paisagem ortogonalmente plena e plana, que se estende ao longo de quilómetros e mantém uma relação íntima com a água, através de canais, diques e moinhos.

As condições geográficas do território também cativavam o meu interesse, talvez pela ideia de um ambiente tão distante do português, longe das irregularidades topográficas e do ritmo imparável de montes e vales e do clima mediterrâneo.

Igualmente importante nesta decisão foi a perspetiva de expandir o meu conhecimento relativo à flora e associações naturais, desta vez num clima temperado. Esperava muitos amieiros, freixos e salgueiros, faias e tílias e galerias ripícolas vigorosas, plantas aquáticas e uma paleta infindável de herbáceas coloridas. Curioso em saber o que é possível fazer num clima em que a disponibilidade hídrica e o calor deixam de ser um fator limitante, previa uma forma diferente de pensar e desenhar o espaço, com espaço para novas oportunidades. Entender como o contexto geográfico influencia a perceção do ambiente e atitude sobre o desenho da arquitetura paisagista é um dos objetivos deste trabalho.

Do holandês eu esperava o mesmo do que de uma pessoa educada – ou de uma árvore – que não dê nas vistas. (Cabral & Telles, 1999, p. 53-54) Sempre prestável, mas distante; simpático, mas não propriamente amigável; premeditado e ponderado, mas adaptável; visionário, mas não ingénuo. Um povo trabalhador e respeitador, de olhos postos no futuro e no progresso, dotado de todas as ferramentas e conhecimento necessário para encontrar e executar a melhor solução para um dado problema, sincronizados por um qualquer dever comum de boa educação, ecologia, sustentabilidade e respeito mútuo. Sem medo de arriscar e de inovar. Um povo que existe como uma unidade, pondo sempre o dever cívico

à frente dos seus caprichos individuais. Orgulhosos do seu país, das suas paisagens e da sua unicidade.

A minha apreciação pela verdadeira experiência ingénuia limitou os meus preconceitos sobre a cidade de Roterdão ao estritamente essencial, distingo a minha curiosidade e as expectativas que tinha do país: o trânsito suave, a arborização das ruas e os canais. Uma cidade portuária – o maior porto da Europa – marcada pela Segunda Guerra Mundial e cuja reconstrução pós-guerra foi responsabilidade do movimento modernista das décadas que seguiram, algo que depois se torna relativamente claro num relance sobre a malha urbana e o horizonte.

A proximidade do parque da cidade ao meu local de trabalho e o conjunto de árvores monumentais que lá existem interessavam-me, era um dos primeiros locais que tencionava visitar quando chegasse. A arquitetura particular do Depot e o conceito de um repositório (e não propriamente um museu), assim como a sua cobertura e envolvente foram das poucas coisas que tencionava, à priori, obrigatoriamente visitar na cidade. A descoberta e vivência de uma cidade a esta escala, com este nível de multiculturalidade e constante movimento também foram importantes, pois seria, à partida, uma experiência nova.

Sendo Roterdão a base do atelier “West 8” e dada a importância do atelier para a arquitetura paisagista contemporânea, a praça Schouwburgplein é outro lugar notável e de visita obrigatória. Algo distante da minha noção ingénuia da arquitetura paisagista holandesa muito técnica e ecológico-orientada, este espaço foca-se na multifuncionalidade, interação social e na criação de oportunidades, um espaço a ser apropriado e utilizado como for conveniente.

O boom fenomenal do projeto *Little C*, projetado e construído pelo atelier *Juurlink [+] Geluk* - onde passei os últimos 6 meses – também despertou o meu interesse e foi um dos projetos que me deu a conhecer o atelier. Uma nova urbanização, um bairro de uso misto com pátios interiores, representativo da importância que o estúdio coloca nas relações interpessoais e à distinção de lugares.

A minha pesquisa e contacto com o atelier durante a entrevista também deixou clara a consideração que praticam pelo espaço público, aos lugares e às pessoas. Outros projetos que se focavam mais em ecologia, corredores ecológicos, no *continuum* verde e na biodiversidade mostravam que o atelier trabalhava a várias escalas e com focos diferentes. A dicotomia de arquitetura paisagista e urbanismo apresentava-se como uma oportunidade, podendo trabalhar a várias escalas e sobre problemas e perspetivas diferentes, para uma experiência

profissional mais completa e interessante. O método bastante analógico e prático do atelier convenceu-me imediatamente, permitindo-me explorar as minhas competências de desenho à mão livre e desenvolver as minhas competências técnicas, gráficas e ainda as minhas capacidades de fazer maquetes. A inserção numa equipa multidisciplinar, populada por arquitetos, urbanistas e arquitetos paisagistas, provenientes de várias países e contextos, é igualmente cativante e resulta numa experiência mais rica. Esperava aprender muito e desenvolver não apenas as minhas capacidades técnicas, mas também conceptuais e processuais neste diálogo e interação constante com profissionais com experiência.

Da arquitetura paisagista holandesa e dos espaços exteriores esperava algo notoriamente moderno, desprovido da patine romântico-mediterrâneas e relativamente desapegada ao passado. Uma disciplina orientada para a componente e mais-valia ecológica da profissão, tendo em vista a resolução eficaz dos problemas identificados. Obras em ferro, e tijolo, construções plasticamente distintas, quase escultóricas, e plantações luxuriantes com o estrato herbáceo e arbustivo muito desenvolvido, composto por inúmeras espécies, cores e texturas. Espaços funcionais cujos usos são claros. A componente histórica, a conveniência do lugar e a importância da comunidade seriam questões que esperava ver em segundo plano, em conformidade com a ideia da importância da agenda verde e pelo preconceito de um povo mais frio e distante. A biodiversidade estaria sempre presente, assim como a incorporação consciente da água e sua gestão eficaz. Uma estética de sublime selvagem que se infiltra pela cidade e que habita harmoniosamente com a sua estrutura rígida e controlada. O bem e o belo agrupados numa única categoria.

A cultura e história que envolve as práticas hortícolas neerlandesas também me entusiasmavam, esperava ter a oportunidade de visitar jardins com coleções excepcionais, magistralmente desenhados e geridos, revelando o conhecimento secular e a atenção ao pormenor necessária para tomar conta de jardins destas proporções. O mesmo se aplica ao arvoredo público, que espero encontrar maioritariamente saudável, bem conformado e sem podas radicais.

Ao longo destes seis meses pude por à prova estes preconceitos, acabando por verificar que nem sempre se confirmavam. A experiência no atelier, o contacto com a cultura e paisagem neerlandesa, as entrevistas e a investigação bibliográfica juntaram-se para formar uma imagem mais fidedigna da realidade, ainda que moderadas pela minha visão global e parcialidade lusitana.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Confrontado com um inverno severo e dispondo de alguns dias para espantar o choque e me ambientar, as primeiras semanas em Roterdão foram passadas entre a descoberta e a assimilação da cidade, da sua gente e dinâmicas, assim como o início da minha primeira experiência no meio de trabalho no *atelier Juurlink [+] Geluk*. Pontos fulcrais da cidade foram-me dados a conhecer através da amabilidade da minha colega de casa, Andrea, também ela expatriada, de origem cipriota, entre eles os supermercados, o sistema de metro, o centro da cidade, a vizinhança próxima de Nieuwe Binnenweg.

Algumas investidas a solo foram também levadas a cabo durante estes primeiros dias, motivadas pela minha curiosidade e inquietação. Estando limitado a andar a pé ou circular numa rede de metro que ainda me era estranha, aproveitei para explorar a envolvente próxima, a zona oeste de Roterdão. A presença demarcada do inverno despia o exterior da sua folhagem, estando as ruas sistematicamente plantadas com árvores bem conformadas e saudáveis, de dimensões ocasionalmente espantosas. A ausência da folhagem evidenciava, no entanto, algo que rapidamente me fascinou e conquistou: a arquitetura convencional neerlandesa (Fig. 1) em tijolo, equilibrada e consistente, oscilando entre um estilo pré-moderno e algo mais moderno mantendo sempre uma linguagem comum.

O desenho da malha urbana fascinou-me, desde os perfis das ruas - largas e organizadas, onde o pedestre e o ciclista se sentem seguros e consegue coexistir em igualdade com o trânsito automóvel - à constante presença de canais cujas margens constituem jardins lineares, populadas por vegetação, chapins, melros e garças-reais. A congruência arquitetónica dissipa-se à medida que me desloco para o centro, sendo a construção em tijolo progressivamente substituída por materiais como o vidro e o betão, enquanto os edifícios se expandem em todas as direções.

Tive a oportunidade de visitar alguns dos locais que mencionei no capítulo anterior, intencionalmente ou por puro acaso. O encontro da praça *Schouwburgplein* (Fig. 5) insere-se nesta segunda categoria, deparando-me com ela num mero passeio pelo centro da cidade, enquanto procurava o *Lijbaan*.

Os edifícios que envolvem a praça e o meu estado desnorteado poderão ter contribuído para que esta tenha passado despercebida, um vão abafado pela densidade da malha urbana. A primeira impressão deixa-me pouco convencido, desiludido pela relva sintética, o artifício caprichoso dos candeeiros vermelhos e falta de vida no local, que serve apenas de atravessamento. Por outro lado, o *Lijnbaan* (Fig. 2) encontrava-se vivo e movimentado, a arquitetura é interessante e o espaço exterior torna a passagem muito agradável, permitindo também a estadia, sendo um local onde muitos grupos diferentes se reúnem. O conceito do espaço, um centro comercial ao ar livre, é uma abordagem diferente, que torna um programa normalmente desagradável e claustrofóbico numa experiência interessante.

A excentricidade arquitetónica da cidade manifesta-se: as *Cube Houses*; o *Markthal*; o *Depot Museum Boijmans Van Beuningen* (Fig. 3); maravilha-me e revela parte de algo que acabará por constituir parte da imagem fundamental desta cidade: há espaço e oportunidade para tudo. Se tivermos a audácia de ver para além da *assemblage* de materiais e linguagens vamos encontrar conceitos, experiências e objetos interessantes: dentro da excêntrica taça de espelhos encontramos um museu diferente de todos os outros.



FIGURA 1 - ASPETO DA RUA SCHIEDAMSEWEG



FIGURA 2 - LIJNBAAN, JANEIRO DE 2023

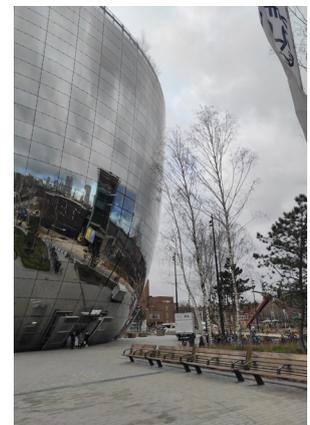


FIGURA 3- BOIJMANS VAN BEUNINGEN



FIGURA 4 - CANAL EM NIEUWE BINNENWEG



FIGURA 5- SCHOUWBURGPLEIN, JANEIRO DE 2023

A primeira visita ao *Het Park*, cujo projeto remonta ao séc. XIX, revela um pouco das valências horticultrais neerlandesas que mencionava no capítulo anterior: encontramos grandes árvores, com copas espantosas e imaculadas e uma boa coleção de espécimes interessantes. O desenho é o típico de um jardim paisagista inglês da época (com alguns elementos invocativos do *gardenesque*) apenas limitado pelo contexto quase plano em que se encontra. A monotonia topográfica, enfatizada pela ausência da folhagem, causou impacto imediato em mim, a impressão de algo pouco natural, estando habituado a parques com relevo considerável. A natureza desfolhada típica da estação contribui ainda para outro feito, a ênfase da amplitude e profundidade visual, que permite uma leitura mais clara do parque: bosques ensombrados e grandes clareiras relvadas pontuadas por enormes árvores. A presença da água acompanha o parque em quase toda a sua extensão, criando uma série de situações interessantes, provocando vistas e enquadramentos (Fig. 6). Ao som da água acrescenta-se a vivência dos patos, galinhas, garças, esquilos e inúmeras aves que habitam o parque.



FIGURA 6- HET PARK, JANEIRO DE 2023

A primeira impressão foi de espanto, o espaço convida à estadia, recreio e à descoberta. No seu estado atual, o parque esconde muitas das suas maravilhas. Apenas o tempo, a familiaridade e a primavera podem desinibir todo o seu potencial.

A cidade de Roterdão apresenta-se como uma manta de retalhos, entre uma malha urbana periférica mais coesa em materialidade e altura, maioritariamente residencial, um núcleo suburbano - uma cidade que se vive a uma escala menor, a da vizinhança - e um centro extremamente heterogéneo, pontilhado de arranha-céus e construções numa panóplia de materiais e estilos.

A minha dificuldade de orientação partia da ausência de um centro concreto, uma praça, um ponto de convergência (físico ou mental) a partir do qual se desenrola a cidade: a avenida dos Aliados e a Rotunda da Boavista no Porto, a praça do Giraldo em Évora, pontos a partir dos quais me é possível compreender os eixos urbanos. Sendo assim, a solução passa pela adoção de um outro sistema de navegação, fazendo uso das valências da cidade - um sistema de pontos de referência, edifícios, monumentos ou marcos icónicos, imponentes no horizonte, através dos quais me consigo orientar: o monumental *Euromast* (Fig. 7 e 8) guia-me inevitavelmente até ao parque.



FIGURA 7- PERSPETIVA DO EUROMAST A PARTIR DO HET PARK

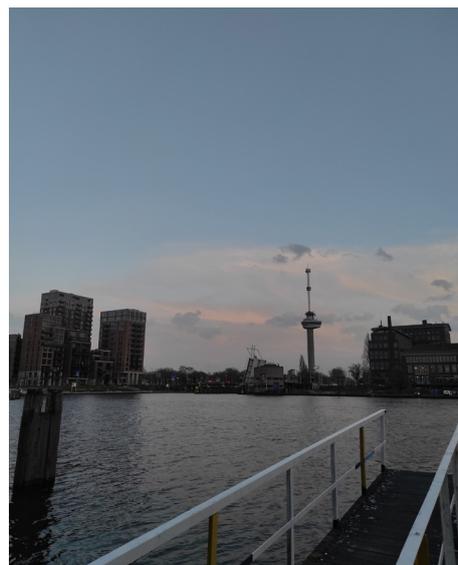


FIGURA 8- PERSPETIVA DA MARGEM DO CANAL EM COOLHAVEN

A primeira semana de trabalho foi fugaz, energizado pela novidade e entusiasmado para mostrar do que sou capaz. A simpatia dos colegas (em particular os colegas italianos) assim como a cumplicidade e informalidade de toda a equipa coloca-me rapidamente à vontade neste contexto. O *atelier* está dividido em duas equipas - arquitetura paisagista e urbanismo - as reuniões de segunda-feira cumpriam o propósito de informar qual a ordem de trabalhos para a semana e eu pivoteava entre equipas consoante a necessidade. Uma das primeiras tarefas revelou a primeira divergência entre a minha conceção do trabalho em arquitetura paisagista e a realidade neerlandesa.

A comissão de *Helmond* previa a intervenção sobre alguns locais da cidade, tendo como objetivo a sua adaptação a questões como o trânsito suave, alterações climáticas e oportunidades sociais. Ainda numa fase inicial, o projeto procura estabelecer a visão da proposta, a narrativa do projeto, os seus valores ou ingredientes e as ambiências pretendidas, suportadas por imagens de referência que vão do extremamente vago (um piquenique no exterior) ao moderadamente concreto (materiais, soluções tipo).

Pelo que entendi, esta visão surge da amálgama da visão municipal e do contributo do *atelier*, não propriamente de uma análise aprofundada, mas sim do diagnóstico intuitivo dos locais a intervencionar. Mesmo estando os locais a intervencionar identificados tudo permanece relativamente ambíguo e amorfo.

O fim da segunda semana de trabalho traz uma conversa, um ponto de situação amigável depois do trabalho com o Marco - colega paisagista italiano preocupado com a minha experiência e perceção após estas duas semanas - a conversa desenvolve-se à volta da paisagem, abordamos o meu trabalho, o discurso de Rosário Assunto e as peculiaridades da atitude neerlandesa perante a paisagem. Exponho algumas das minhas idiossincrasias face a assuntos com que fui sendo confrontado no escritório: o uso constante da expressão espaços verdes, a (talvez ingénua) agenda ecológica que o país carrega num estandarte - assunto que abordarei posteriormente - e a importância de uma intervenção ponderada e conveniente, um desenho que funcione, que sirva o lugar.

A minha compreensão da cidade desenvolve-se ao longo do tempo, a área que reconheço e me é familiar expande-se. O que no início era longe, difícil e indesvendável rapidamente se recompôs e ordenou como próximo e fácil, à medida que a malha urbana é compreendida, experienciada e memorizada - muitas vezes através do sistema de pontos de referência - e diferentes percursos são explorados. Esta expansão surge do acaso, da decisão de explorar uma nova rua no caminho de volta para casa ou da viagem até um lugar novo. Uns instantes de confusão enquanto o meu mapa mental é reorganizado resultando sempre na exclamação: "Então é aqui que esta rua vai dar."

O icônico e típico conjunto moinho-canal-dique apresenta-se finalmente, novamente por acaso, num caminho alternativo ao regressar do parque. Um pedaço de Ruisdael cristalizado no bairro histórico de Delfshaven (Fig. 9). Não sei se é a minha afinidade à composição pitoresca, a ambiência confortável, íntima e pacata do bairro, a exposição solar favorável ou a combinação de todas as partes, mas algo me atrai, é aqui que passo várias horas da minha tarde, devidamente agasalhado e envolto em leituras.

Embora ainda embrenhado na severidade do inverno neerlandês, o aparecimento momentâneo de dias amenos de sol permitiu alguns passeios. A primavera chegou muito de mansinho e os primeiros bolbos apareciam em todos os jardins, parques e floreiras na rua (Fig. 10). Entusiasmado por ver como a primavera irá progredir neste clima mais severo, recebo estas florações abundantes com entusiasmo.



FIGURA 9- MOINHO NA VIZINHANÇA DE DELFHAVEN



FIGURA 10- CAMPOS DE GALANTHUS SP., FEVEREIRO 2023

Tendo estabelecido este primeiro mês como o intervalo de tempo para as primeiras impressões, tenho ainda de mencionar mais alguns aspectos relacionados com a minha visão sobre o trabalho até então. A integração na equipa aconteceu de um modo orgânico e confortável, partilhamos atitudes, interesses e visões similares, agilizado pelo convívio fora do escritório. O trabalho inicial foi mais leve, livre de grande responsabilidade: *moodboards*, visualizações e montagens, diagramas, montar *booklets*, cortar volumes para maquetes. Após a descoberta da minha particular afinidade e conhecimento de vegetação por parte da equipa, acabei também por contribuir para a biblioteca de espécies do atelier e ajudar na expansão da coleção de plantas que habitam o escritório (Fig. 11 e 12).



FIGURA 11 - ATELIER JUURLINK [+] GELUK A 10 DE MARÇO DE 2023



FIGURA 12- ATELIER JUURLINK [+] GELUK A 13 DE MARÇO DE 2023

O método das referências mencionado anteriormente põe muitas vezes em evidência os “ingredientes” a incorporar no projeto, revelando também situações menos favoráveis. Estas situações são frequentemente preservadas e utilizadas para formar cenários alternativos a ser posteriormente apresentados ao cliente. Com isto pretende-se não só reforçar a proposta desejada como ilustrar a inaptidão de outras possíveis soluções, para que não possam ser trazidas à discussão no futuro – uma abordagem rigorosa, que não deixa nada por explorar.

O primeiro contacto com a equipa do urbanismo revelou uma visão talvez redutora ou ingénua do que constitui, na sua ótica, a paisagem. Talvez seja a aplicação ampla e despreocupada do termo ou uma definição diferente da minha: é paisagem como o verde, a ecologia, biodiversidade e vegetação, a mera antítese do edificado. A sua componente social parece um componente extra, resultante da oportunidade que o edificado dá ao espaço exterior, não intrínseca à própria paisagem. É uma camada a adicionar à visão urbanística: uma série de vocábulos atuais em vez de uma componente fundamental presente e tida em conta desde o início do projeto.

O sistema de concursos, que até então me parecia muito confuso, foi-me clarificado durante uma conversa informal ao almoço, comprovando, em parte, o modo cerebral e super operativo como estes processos se desenvolvem nos Países Baixos. Após a entrega do desenho rigoroso (DO) – que procede a proposta de visão (VO) – onde são estabelecidas proporções, materiais e alguns escassos pormenores, a equipa responsável pelo desenho deixa de estar envolvida

e a cada especialidade é entregue a sua respectiva supervisão e execução do desenho. Uma cadeia linear que nem sempre permite o diálogo entre especialidades. Esta falha entre conceptualização e execução compromete muitas vezes os pormenores do projeto, que acabam por não ser discutidos, apenas solucionados pela entidade correntemente responsável. Há ainda um outro aspeto relacionado com os concursos que merece ser mencionado, por me parecer invulgar e inesperado: os *ateliers* focam-se não na proposta, no desenho e no lugar, mas na apresentação da sua visão, atitude e filosofia de trabalho. É uma abordagem mais pessoal e menos concreta. Trata-se de dar provas de que são capazes de realizar o trabalho a que se propõem, que possuem as ferramentas necessárias para resolver os problemas que o local apresenta. Vence quem conquistar o cliente com o seu entusiasmo e narrativa. E também o que for mais barato.

As maquetes de trabalho (Fig. 13) são comuns e permitem o ensaio de diferentes soluções através de referências: utilizando projetos de densidades, escalas e tipologias diferentes e sobrepondo-os ao local de intervenção é possível compreender as valências e desvantagens de cada um e ainda ensaiar como a arquitetura dialoga com os espaços exteriores, a envolvente e a cidade. Deste processo acabam por surgir alguns pontos fundamentais que serão tidos em conta no desenho da proposta.



FIGURA 13 - MAQUETE DE TRABALHO: BERGEN OP ZOOM

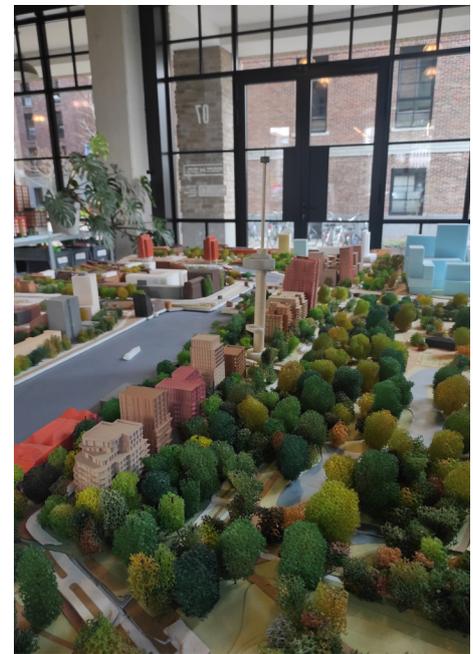


FIGURA 14- PORMENOR DO PROJETO DE PARKHAVEN NA MAQUETE

NOTAS DA AFEIÇÃO AO LUGAR

Com o fim do primeiro mês e a gradual amenização do espanto dou por mim a estabelecer rotinas sólidas e encontrar a beleza no ordinário, o que esteve sempre lá, mas só agora é visível, ofuscado até então pela pala do entusiasmo da novidade. As ruas da minha vizinhança tornam-se admiráveis, o seu caráter corrente é paradoxalmente especial. Sinto que é cidade, viva e habitada. Habitada por pessoas reais e diversas que, de algum modo, partilham comigo uma ligação a este local.

“Cenas caseiras e mesmo monótonas podem revelar aspetos de si próprias que antes passavam despercebidos, e esta nova visão do real é por vezes sentida como beleza” (Tuan, 1990, p. 95)

A implementação de rotinas (comuta, supermercado, cinema) e saídas regulares com amigos acaba por extinguir, parcialmente, os meus passeios a solo. Passei então a descobrir novos espaços – os lugares deles. Os passeios pelo parque, os piqueniques, as saídas e as sessões de escalada contribuem para o estabelecimento de uma rede de lugares, agora associados a pessoas, dias e situações. A topofilia compreende também o sentimento de pertença a um grupo que partilha atitudes, visões e experiências similares, assentando sobre a cidade e os lugares. O sítio torna-se lugar não pelo seu valor intrínseco, mas pela experiência e a memória – *“a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando misturada com a memória de tropelias humanas”* (Tuan, 1990, p. 98-99)

O avançar da primavera é notável, ainda que indolente, e contribui para esta onda de nova apreciação pelo que me envolve. Algumas árvores começam já a revelar os gomos deste ano. Dias de sol mais frequentes suscitam novas investidas ao parque e sou confrontado com um fenómeno que só consigo definir como *heliofilia neerlandesa*. Todas as clareiras e bancos com uma exposição favorável estão ocupados. Há grupos de pessoas estendidas pela relva e embrenhadas num livro, a fazer um piquenique, um churrasco, a jogar futebol. Os caminhos estão igualmente ocupados, parece que toda a cidade saiu à rua para aproveitar estas horas de sol e há algo de bonito mas incrivelmente triste neste fenómeno (Fig. 15).



FIGURA 15 - HET PARK, ABRIL DE 2023

Questões relacionadas com a seleção de espécies e espécimes do viveiro puseram em evidência uma outra discrepância entre a minha ideia do trabalho com vegetação e a realidade neerlandesa. Espanta-me a escolha e transplante de árvores adultas, com copas bem desenvolvidas e alturas muitas vezes superiores a cinco metros. Isto poderá estar relacionado com o clima e a menor época de crescimento ou à simples capacidade científica, técnica e operativa de manusear proficientemente árvores desta dimensão. A disponibilidade hídrica e o clima ameno poderão também facilitar este tipo de operações. Ainda relacionado com o tema da vegetação, é notável uma certa aversão à estética de um novo parque, “despido e descomposto”, tão distante da visão proposta. Este aspeto “vazio” é mitigado pela plantação intensiva no sub-coberto, através de arbustos e sementeiras.

Relacionado com a chegada de uma nova comissão, pude presenciar e intervir numa discussão relacionada com a atitude de projetar particular ao atelier – expansível a uma atitude nacional, como irei descobrir eventualmente. Para o Cor, arquiteto paisagista sénior e urbanista neerlandês, a viabilidade de um projeto sustenta-se não apenas num trabalho de qualidade, mas também numa abordagem demarcadamente prática, que envolve todos os intervenientes. No caso do projeto de *Coevorden*, os estudantes, o município, os residentes, os técnicos do solo seriam figuras ativas no desenvolvimento do projeto, numa abordagem *bottom up*, de ação local. Para além disso, deixa claro que considera que o ato de projetar não deve ser visto como um puzzle técnico – a mera resposta aos problemas e programa – mas sim algo contextualizado, conveniente e intencional. Foi aqui que finalmente encontrei similaridades entre o que aprendi durante estes cinco anos e a realidade profissional. O projeto deverá partir da experiência do lugar, da observação, resolvendo, quase por coincidência, os problemas do espaço e não ser guiado cegamente pelo programa.

Uma noção da atitude neerlandesa perante a paisagem é esboçada ao longo de uma conversa com o Enrico, arquiteto e urbanista italiano – a “paisagem de poder”, resultante, talvez, da ausência de uma primeira natureza, de um único hectare deste país que não tenha sido meticulosamente moldado, reclamado do mar, seco, drenado e construído. E esta relação com a paisagem pareceu-nos um oxímoro: como é que esta subjugação da natureza coexiste com a valorização quase divina da sustentabilidade, da ecologia e da biodiversidade? Talvez seja esta luta constante que os motive: a vontade de, depois de conquistada a terra, criar algo com o qual não conseguiram coexistir anteriormente. Sobre o resto e o todo do país ainda não me podia pronunciar, estando contido à grande cidade de Roterdão e a uma pequena investida ao Sul. De notar até então, só campos de cultivo sem fim, ladeados por choupos, olmos e salgueiros, numa planície infundável. Minuciosamente ordenados, regulares e ortogonais. Pensava, certamente, que não poderia ser só isto.

As conversas de almoço mantêm-se sempre pertinentes, entre a curiosidade inabalável do José, arquiteto e urbanista equatoriano, e o entusiasmo de toda a equipa em discutir tópicos que consideramos pertinentes, especialmente a crise climática, sendo discutida recorrentemente a maneira como as alterações climáticas têm atuado neste país de clima temperado e água abundante, do ponto de vista do residente foi algo muito interessante. Com a escassez de chuva e verões atipicamente secos, a disponibilidade de água doce começa a ser uma dificuldade que é mitigado através da aplicação de novas políticas públicas. A meu ver, e em alguma extensão, esta crise resulta de autossabotagem, séculos de uma luta incessante pelo território, uma multitude de diques responsáveis por manter a água do mar em cheque e canais e moinhos encarregues de bombar o excesso de água para longe da terra conquistada. É curioso ouvir a perspetiva neerlandesa sobre a má gestão dos recursos hídricos nos países mediterrâneos (onde ainda são mais escassos), criticando, justificadamente, os sistemas de rega pouco eficientes, os desperdícios, o mau planeamento e gestão do território.

Do ponto de vista da competência técnica e profissional, os meus colegas estiveram sempre disponíveis para discutir questões de projeto, sobre a visão, o processo criativo e o desenho. Encorajaram constantemente a exploração de estilos gráficos diversos e mais audazes e a experimentação, realçando sempre a importância do desenho à mão levantada.



FIGURA 16 - VISUALIZAÇÃO PARA O PROJETO DE KROON

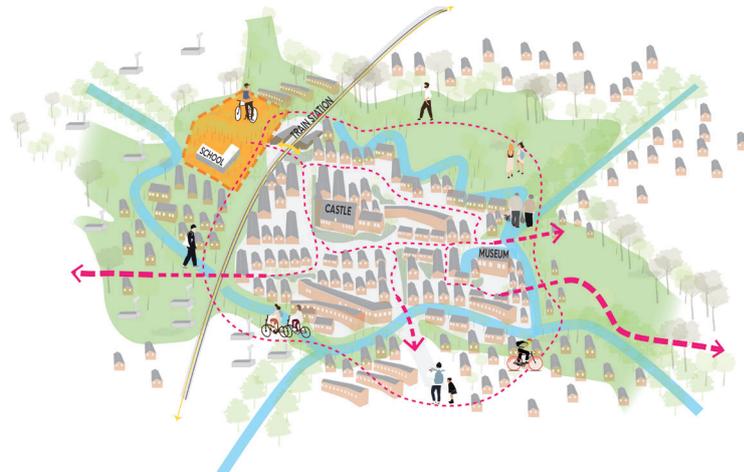


FIGURA 17 - DIAGRAMA PARA O CONCURSO DE COEVORDEN



FIGURA 18 - VISUALIZAÇÃO PARA O PROJETO DE KROON.

Rapidamente atingimos a Páscoa e a camaradagem e cumplicidade que se desenvolveu convida a uma ocasião especial, um almoço para celebrar a *Pasquetta* italiana. Foi o descobrir de uma nova face de Roterdão, uma que precede a tragédia do século passado e permanece inalterada: a zona Norte, que se estende para lá da *Centraal*. Demarcadamente residencial, distingue-se da cidade de Roterdão que experienciei até então, tanto da excentricidade do centro como a convencionalidade da zona Oeste onde moro. Sinto-a mais cidade - no sentido tradicional - mais apropriada, mais propriedade de quem a habita. As ruas são mais agradáveis e mais cuidadas, acomodam grandes árvores, a arquitetura é interessante e forma um conjunto coeso, mas diverso, numa extensão que vai muito além do pequeno núcleo na porção Oeste onde vivo. Os jardins que compõe as margens dos canais denotam o avançar da estação, plantados com grandes salgueiros-chorões e povoados de garças e cisnes debicam pelos relvados e nas intermitências das folhas dos nenúfares.

Afasto-me ainda mais da cidade e acabo, para meu espanto, ao lado do grande lago a Norte da cidade, *Kralingse Plas*. Ao caminhar pelo bosque (Fig. 20) que rodeia o lago experiencio a impressão de um lugar familiar. As folhas tenras das árvores, a qualidade do verde e a particularidade da luz por entre os ramos lembram-me o arboreto do Jardim Botânico do Porto e os bosques ripícolas do Norte de Portugal. A impressão de um espaço predominantemente natural, de estética similar, mas distinta e distante das duas mencionadas. Experimentá-lo pela primeira vez com estas pessoas, nesta ocasião especial, sentindo-me inteiramente integrado neste grupo, enaltece a experiência. O lugar não é apenas a percepção, mas também as conversas, brincadeiras, o afeto e a apreciação global, algo como a temporalidade inclusiva de Assunto, mas partilhada. Em *Topophilia*, são momentos em que a vida universal parece envolver-nos com simpatia. (Tuan, 1990, p.98-99)



FIGURA 19 - A PASQUETTA

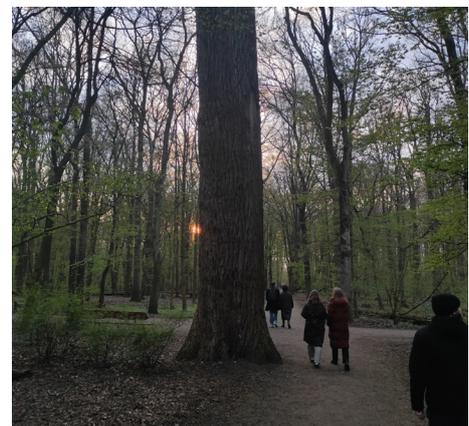


FIGURA 20 - KRALINGSE PLAS BOS, ABRIL 2023

A visita a *Harleem* (Fig. 21-23) no início do mês de abril, que teve como propósito o primeiro contacto com os mestres holandeses e uma cidade típica, consolidada pelo tempo, com uma escala e espacialidades muito distintas das a que estive até então exposto. O contacto com uma cidade histórica realça ainda mais o quão peculiar a cidade de Roterdão realmente é: uma colagem frankensteiniana, composta por retalhos de materiais, comprimentos e texturas diferentes que se juntam e apresentam como um conjunto. Em poucos quilómetros a cidade passa de íntima, contida e familiar, a enorme, exuberante e anónima, para de seguida dar lugar à floresta, ao espaço permeável e à (quase) ausência de edificado.

No fim de semana seguinte, o *Trompenburg Arboretum* (Fig. 24) estabelece-se também como um lugar, não na mesma categoria do parque, uma vez que a sua distância, apresentação, linguagem, desenho e coleção distancia-o de uma possível relação mais próxima e descontraída. É um jardim, limitado pela sua condição de jardim - um lugar de espanto e de maravilha. A viagem até lá acaba por ser novamente o reorganizar do mapa mental e o momento de ligação do meu universo a *Kralinger* e ao *Arboretum*, lugares que até então existiam isolados.



FIGURA 21 - HARLEEM, ABRIL 2023



FIGURA 22- BIBLIOTECA VERNACULAR



FIGURA 23 - HARLEEM, ABRIL 2023



FIGURA 24 - TROMPENBURG

A *heliofilia neerlandesa* (Fig. 25) é um assunto que acabo a ponderar durante todos os dias solarengos passados no parque. É tao inspirador e reconfortante quanto triste. A sua dedicação quase religiosa em aproveitar um dia de sol ótimo -os primeiros dias sem agasalhos severos - ao máximo inspira, aquece-me quase tanto quanto o sol. É, no entanto, trágico perceber o quão desesperado por esta oportunidade a população estava e o quão especial é realmente esta ocasião. A condição humana é uma de dependência do sol e custa perceber, no meu privilégio lusitano, que este não pode ser tido como garantia.



FIGURA 25 - HET PARK, ABRIL DE 2023

As diferenças conceituais e ideológicas perante a paisagem e arquitetura paisagista são continuamente evidenciadas durante o trabalho no atelier. Os projetos aparentam ser sustentados não pela sua proficiente leitura e compreensão do lugar e respetiva intervenção pertinente, consciente (em todos os aspetos) e conveniente, mas pelos grandes vocábulos da atualidade. Ecológico, sustentável, bio-diverso, climaticamente adaptado, gestão da água – são os elementos fundamentais da arquitetura paisagista, à maneira de pensar e desenhar do arquiteto paisagista. Nos Países Baixos estes ideais são hasteados como argumentos cruciais distintivos do projeto, trata-se pouco das capacidades do lugar e de atender às suas problemáticas e potencialidades. Trata-se sim de dotar o lugar de todos os artifícios dessa lista, resultando num modelo canonizado de intervenção e uma narrativa pouco flexível do que poderiam ser as ambições do arquiteto paisagista.

Expondo este dilema aos meus colegas, encontro não só empatia, dada a parcial sincronia cultural, mas também leituras diversas sobre esta tendência que reside não apenas nos Países Baixos como um pouco por toda a região Norte da Europa. Para eles também foi complicado o processo de assimilação deste método de projetar, pragmático e emocionalmente desapegado. Enquanto Sul europeus tendemos à revisão nostálgica, ao apego histórico e ao projeto sempre apoiado na ponderação do passado. Da minha experiência até então, foi possível observar que os neerlandeses têm a sua visão assente no amanhã na inovação, em soluções eficazes e eficientes para resolver os problemas do agora, acreditando sempre na capacidade de evoluir e de se superarem no futuro. A narrativa é digerida e simplificada a estes termos e conceitos gerais, de fácil compreensão, assegurando a população da mais-valia que é a execução do projeto. A intenção é por vezes sacrificada em prol destes vocábulos, garantido a aprovação da população, do município e dos investidores.

Esta perspectiva “despreocupada” e futurista é acompanhada pelas condicionantes do clima – os solos arenosos e de turfa, que constituem a maioria do território, tendem a aluir, comprometendo a construção. Os espaços estão constantemente a ser repensados, recuperados e reestruturados. Poderá também ser a fugacidade das intervenções que estabelece a distância entre o arquiteto paisagista e o projeto e motiva o seu pragmatismo. Espaços produzidos em série com a mesma desconsideração e desapego que a indústria da *fast fashion*.

A ecologia e a biodiversidade compreendem não uma agenda ingénuo – a minha impressão inicial – mas sim a valorização de uma estética aproximada ao sublime da “natureza selvagem”. Um projeto que se aproxime dessa imagem é um ótimo projeto. Uma concessão de beleza, de belo natural, inteiramente associado à representação de sustentabilidade, ecologia e biodiversidade. É belo por ser bom, pelos papéis fundamentais que desempenha. Racionalizar o belo desta maneira ajuda a compreendê-lo. Será, talvez, a inexistência secular de uma primeira natureza e a relação de poder sobre a natureza que motiva esta interpretação do belo.

Entretanto maio chegou e a primavera avança a passos largos. Os *Crocus* foram sucessivamente substituídos por narcisos e tulipas. Com o regresso momentâneo a Portugal não consigo deixar de pensar na luz, nas pessoas e nos lugares que me esperam. O ar fresco do Porto, o cheiro da erva-caril no roseiral do Jardim Botânico (Fig. 26), o tulipeiro da Casa das Artes, os antiquários e alfarrabistas. Topofilia pode ser a memória, a saudade do perfume daquelas rosas, dos alecrins e das lavandas, que têm um cheiro pungente neste Norte temperado.

Não é que a Holanda não me seja cara, porque sei que se foi tornando cada vez mais bela e a primavera tem “dado ar de suas graças” numa conquista muito ágil da minha atenção. Esperar por ela foi um suplício, mas foi com satisfação que lhe dei as boas-vindas. Foi o despertar de tudo o que estava dormente até então. Novos cheiros, florações, cores, chapins, gaios e piscos-de-peito-vermelho. O que é esta primavera tão tímida comparada à primavera perpétua do Porto, ou aos oito meses de paraíso do Alentejo?



FIGURA 26 - ROSEIRAL DO JARDIM BOTÂNICO DO PORTO, VERÃO DE

INTERLÚDIO LUSITANO E A PRIMAVERA NEERLANDESA

Passado o entusiasmo da particularidade da luz e do sabor do ar, a breve passagem por Portugal em maio foi o mero reajustar a uma outra vida adormecida. Tudo parece simples, conveniente e natural. A própria arquitetura do aeroporto é mais afável e intuitiva. Tratou-se do regresso imediato a uma rotina que me é completamente natural: o metro, as pessoas, os hábitos, a gastronomia. Estes dias poderiam tanto ter acontecido há seis meses como daqui a um ano, são perfeitamente mundanos e descontraídos.

Aproveitei para visitar os meus lugares, esperando o espanto da novidade, a impressão do avanço do tempo, causados pelo meu desligar nos passados meses, mas encontro apenas familiaridade. Estes lugares nunca mudam, ordinários e inabaláveis. Foi o passar pelas rondas infindáveis de jogos de sueca de veteranos nas mesas de pedra no Jardim do Marquês que me fez sentir em casa. Algo como a temporalidade inclusiva de Rosário Assunto, não na partilha do sentimento vital, mas na minha pertença à cidade, a minha inclusão na assemblage complexa que constitui a cidade. Não poderia afirmar o mesmo sobre Roterdão, pelo menos até então, embora me sentisse confortável e integrado.

A primavera temperada recebe-me com condições meteorológicas mais convidativas e um salto considerável no avançar da estação. O verde é exuberante e o sol aparenta ter chegado, é o vento frio que me lembra imediatamente que o conforto mediterrâneo ficou para trás. A permanência na cidade após o meu regresso foi curta, a agenda do atelier previa uma saída de campo de alguns dias para visitar alguns projetos nas cidades de Estrasburgo e Friburgo. Mencionar esta experiência coloca em evidência algumas questões relativas à atitude neerlandesa – pela interpretação de um ambiente distinto – e à minha perceção da cidade de Roterdão, servindo como comparação. Estes dois conjuntos aproximam-se mais da minha conceção mental e morfológica do que é uma cidade: um centro histórico, uma praça principal e uma catedral, as ruas estreitas, sendo, no entanto, a arquitetura notoriamente distinta, colorida e contruída em tijolo e madeira (Fig. 27 e 28).

As impressões vão pouco além da impressão pictórica fugaz do turista, mas a sensação de familiaridade está presente. São mais cidade para mim, mais compreensíveis, navegáveis e convidativas quando comparadas a Roterdão.



FIGURA 27 - ASPETO DA CIDADE DE FRIBURGO, MAIO DE 2023

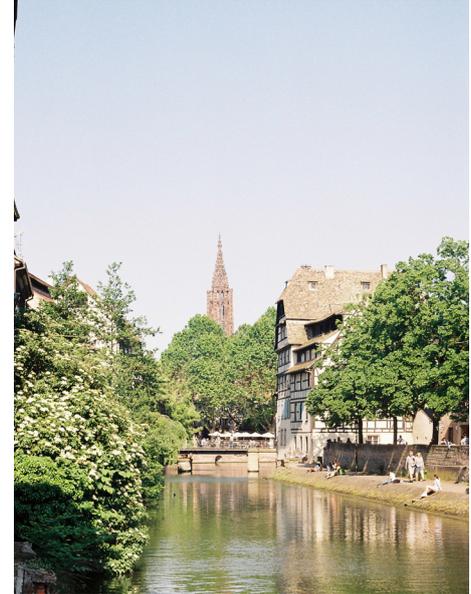


FIGURA 28 - ASPETO DA CIDADE DE ESTRASBURGO, MAIO DE 2023

Tenho de destacar os dois projetos de habitação cooperativa que visitamos em Friburgo por me terem fascinado em particular - *Reiselfeld* e *Vauban* (Fig. 29-32). Não apenas pela sua qualidade, mas pela forma como foram pensados, executados e como são mantidos. O envolvimento total dos residentes em todas as fases do projeto, desde a arquitetura das suas casas à criação e manutenção dos jardins e espaços exteriores entusiasma-me, é aí que sinto estar a viabilidade de um qualquer projeto - na participação pública. Este processo resulta numa composição diversa, onde o espaço exterior é o responsável por agregar e consolidar todas as partes num conjunto coeso. A execução faseada do projeto, em que os frutos das decisões tomadas nas etapas anteriores informam as seguintes, permite um processo incrementalmente eficaz, que evoluiu e melhora ao longo de cada etapa. Pensando nos exemplos de habitação coletiva em Portugal - o bairro da Meia-Praia em Lagos, o conjunto habitacional dos Cinco Dedos em Lisboa, o Bairro do Aleixo no Porto - não consigo deixar de ficar desiludido. As tentativas portuguesas falham em questões que estão além da influência dos envolvidos - projetistas ou residentes. Será a mentalidade protestante, norte-europeia, a responsável pela viabilidade de tais projetos? Serão estes meros acasos, situações únicas onde tudo estava alinhado para dar certo? Será a diferença na disponibilidade de capital? Em Portugal não foi possível atingir este grau de sucesso.



FIGURA 29 - ARRUAMENTO, RIESELFELD, FRIBURGO, MAIO DE 2023



FIGURA 30 - ASPETO DO BAIRRO DE RIESELFELD, MAIO DE 2023



FIGURA 31 - DOMINANCIA PERMEÁVEL, RIESELFELD, MAIO DE 2023



FIGURA 32 - ASPETO DO BAIRRO VAUBAN, FRIBURGO, MAIO DE 2023

O regresso a Roterdão fez-me ponderar a experiência até agora. Voltar foi abandonar o terreno acidentado, as tipologias de montes e vales que me são queridas e ser confrontado com a planície, o mau tempo, a chuva, o vento e o frio húmido. Ponderei se este regresso era mesmo voltar para casa ou simplesmente voltar a uma rotina enquanto conto os dias para voltar a Portugal. A experiência no atelier foi sem dúvida cativante, os amigos e os lugares também me eram verdadeiramente queridos. Sentia-me incapaz de discernir se os valores que imprimo à experiência até agora são intrínsecos e únicos de Roterdão, ou se é o mero fascínio de novos sitios, novas experiências e afeições independentes do seu contexto espacial.

EO WIJERS 2023

A participação do atelier no concurso de *EO Wijers* revela-se como uma oportunidade ótima para presenciar e participar no método holandês de projetar: imaginar a cidade de Roterdão daqui a cem anos. A proposta é interessante e parte de um ponto pertinente, o papel fundamental do porto como ponto de entrada e distribuição de recursos, sendo a intenção o estabelecimento de uma melhor conexão com a cidade e as atividades económicas da envolvente: a produção hortícola das estufas, a produção agrícola convencional, a academia e o refinamento e tratamento de produtos no porto. Procura estabelecer uma cidade autossuficiente, capaz de exercer as suas competências de “Porto da Europa” e distribuir recursos do exterior, associando a estas funções a nova valência de receber excessos e resíduos para que possam ser reaproveitados e reciclados, completando um ciclo sustentável de movimento de recursos.

A proposta prevê a transição das atividades do porto de tratamento e refinamento de combustíveis fósseis para um tipo de indústria menos poluente, focada na recuperação e reciclagem, em combinação com espaço para a habitação e a reintrodução da natureza - um ponto fulcral desta visão. Pretende também resolver questões como a salinização e os eventuais prejuízos para a agricultura que o fenómeno provocaria. Propõe o alagar das margens do rio, através da remoção das comportas mais a jusante, de forma a estabelecer um estuário com amplas capacidades produtivas. A água doce é também tida em conta: os reservatórios atuais são repensados, expandidos e multiplicados; os antigos riachos e fontes são desintubados (Fig. 33).



FIGURA 33 - PROPOSTAS PARA AS NOVAS DINÂMICAS HÍDRICAS (ÁGUA DOCE E SALGADA), EO WIJERS 2023

Aprecio o pragmatismo e a audácia necessária para assumir a salinização, tornando-a ainda atrativa em múltiplas perspectivas. A criação do estuário pretende possibilitar a transição da agricultura convencional e o eventual estabelecimento de um espaço natural, único e apreciado pela sua biodiversidade e dinâmica única.

O processo parte de uma análise ponderada das valências e fragilidades da situação atual, de uma previsão da evolução de todas as condicionantes e o estabelecimento de algumas linhas orientadoras capazes de focar o projeto. A partir daí, através do desenho, foram ilustradas que intervenções e medidas poderiam ser postas em prática para levar a cabo a concretização desta visão, acabando por se chegar a um mapa final que ilustra espacialmente as consequências destas medidas (Fig. 34).

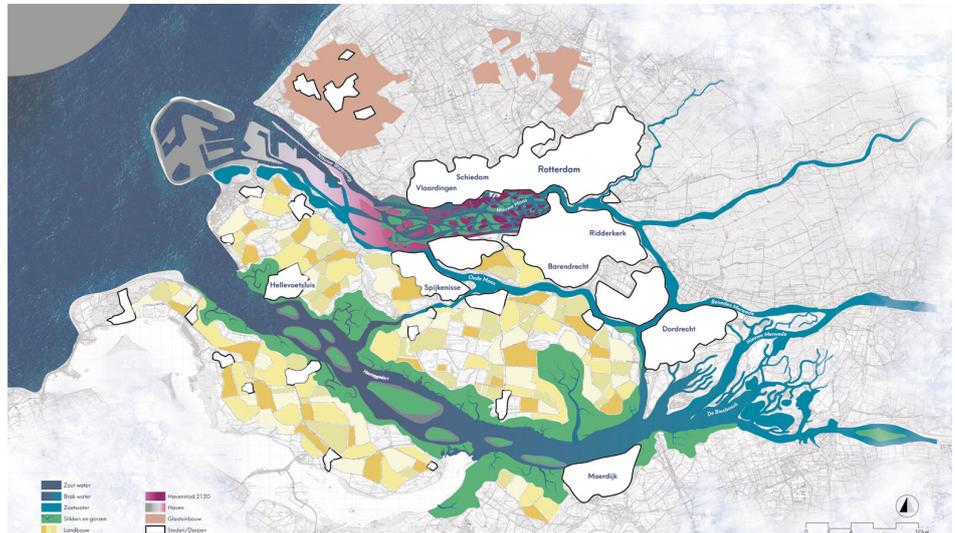


FIGURA 34 - ECONOMIA DO FUTURO: DO AUMENTO DA ESCALA À DIVERSIDADE DE ESCALAS. ADAPTADO DE JUURLINK (+) GELUK (2023)



FIGURA 35 - ESQUEMA RELATIVO À COMPOSIÇÃO E DINÂMICA DA EQUIPA DE PROJETO. ADAPTADO DE JUURLINK (+) GELUK (2023)

A escala do projeto, a abordagem e a solução são do meu agrado, despertam o meu entusiasmo e motivam-me a ter a ambição de trabalhar em situações similares no futuro. (Fig. 34) A paisagem foi pensada em todas as suas componentes e, com a desinibição particular da grande escala temporal que o concurso retrata, surgiu a oportunidade para ponderar a utopia. Estes concursos, realizados regularmente em todas as regiões a nível nacional ilustram verdadeiramente a ambição neerlandesa em ir mais além. Destas iniciativas já surgiram políticas públicas importantíssimas, que alteraram profundamente a paisagem, política e a arquitetura paisagista neerlandesa, assunto que será abordado mais à frente.

O VERÃO TEMPERADO

A acumulação de várias semanas de trabalho intenso e alguns serões no atelier pesam-me, dou por mim a passar os meus fins de semana em isolamento a recarregar. Anseio a chegada da minha namorada, a Beatriz, tenho vontade de lhe mostrar os meus lugares, incluí-la na minha rotina, inserir alguém neste universo onde sinto existir só, alguém que me compreenda. Pertence, sem dúvida, na categoria da experiência esta vertente da Topofilia que é partilhar os nossos lugares com pessoas de quem gostamos. Foi o deixar de me sentir só, partilhar a rotina e todos e quaisquer planos, esporádicos ou ponderados. Acrescentar uma camada de tinta colorida sobre a minha cidade até então. Já o tinha experienciado com os amigos de cá, e assim, aos lugares que já o eram acresce-lhes um novo valor (Fig. 36)

Deambulações, passeios espontâneos e o acaso de ficar perdido trazem à luz novos detalhes e uma nova apreciação pela arquitetura, as ruas e as árvores. Partir destas deambulações e reencontrar um lugar conhecido compõe novamente a minha imagem mental da cidade, como se desse um passo atrás para perceber o quadro impressionista que é a cidade. O revisitar do arboreto, dotado de uma luz mais quente e um verde mais intenso, partilhado na atenção que só é possível a pares. (Fig. 37)



FIGURA 36 - PIQUENIQUE NO HET PARK, JUNHO DE 2023



FIGURA 37- TROMPENBURG ARBORETUM, JUNHO DE 2023



FIGURA 38 - HELIOFOBIA NEERLANDESA, HET PARK, JUNHO DE 2023

Tenho, então, a oportunidade de notar e experienciar uma mudança da dinâmica heliófila neerlandesa e no uso do parque. Com as temperaturas altas e a chegada do verão encontramos os relvados esparsamente populadados (são uma exceção frequente os “banhistas urbanos” a apanhar sol no parque), tendo os utilizadores do parque migrado para perto dos colos ensombrados das grandes árvores, favorecendo as que estão localizadas próximas à água. Os churrascos, jogos, conversas (e agora as sestras) são populares e os domingos são passado no parque, agora de um modo mais indolente (Fig. 38). A severidade do verão espanta-me, a ideia de um clima temperado e um verão molhado e moderado dissipa-se com o pesar destas semanas.

O verão viabiliza novos planos e acabo por rumar a oeste e visitar a cidade e as praias de Haia. Só posso tentar descrever a experiência como visitar a Albufeira neerlandesa. Uma instância turística que partilha traços arquitetónicos com o seu homólogo lusitano, promenades largos e esplanadas sobrelotadas de pessoas – novamente a heliofilia neerlandesa em ação – aproveitar o verão ao máximo.

A praia partilha o mesmo perfil que toda a paisagem: um tabuleiro raso que se estende por quilómetros, acompanhado, numa malha regular de moinhos de vento que se erguem no horizonte. A estrutura dunar foi o que despertou o meu interesse e fascínio, não só pela dimensão que atingem as colinas, mas pelo grau de desenvolvimento da vegetação, estabelecida e próspera (Fig. 39).



FIGURA 39 - DUNAS NOS ARREDORES DE HAIA, JUNHO DE 2023



FIGURA 40 - DUNAS EM TERSCHELLING, PROXIMAS DO POTENCIAL NATURAL DA PAISAGEM NEERLANDESA. FLOOR HENDRICKX, 2018

A chuva aparece, finalmente, para fazer rejuvenescer os relvados desfeitos, secos e amarelos, fustigados pelo verão. Em poucos dias a primavera parece estar de volta e os relvados mostram-se abundantes, verdes e frescos.

Amesterdão apresenta-se, na primeira impressão, com uma estética particular, não partilhando o mesmo efeito de colagem *frankensteiniana*, ainda que tenha partilhado da devastação da Segunda Guerra Mundial que arrasou Roterdão. É mais acessível e calorosa, talvez por preservar, no primeiro contacto, a linguagem arquitetónica tipicamente neerlandesa. Para além da impressão de uma metrópole é clara a opulência da arquitetura e a pressão turística no centro da cidade, que denota já um estado evidente de gentrificação. Ainda assim, à medida que me afasto do centro sou confrontado com uma cidade cativante, numa escala e lógica mais amigáveis do que Roterdão; diversa, mas coerente, e igualmente dada ao espanto, sem a opulente imposição arquitetónica que tem caracterizado Roterdão. Esta é a impressão fugaz de uma visita de um dia à capital neerlandesa. É evidente que na sua monumentalidade deverão residir situações menos convidativas do que as percecionadas até aqui.



FIGURA 41 - ENVOLVENTE DO RIJKSMUSEUM, JUNHO DE 2023

A chegada de uma nova comissão traz a primeira experiência em abordar um projeto de raiz, sendo que, até então, tratei principalmente de projetos em fases de desenvolvimento mais avançadas. O programa parece-me um pouco ingênuo e ambíguo. Trata o rejuvenescimento ou atualização da cidade de *Oirschot* ao que considero os valores canônicos da cidade neerlandesa do séc. XXI: a valorização do trânsito suave, a criação de espaços exteriores permeáveis e plantados e a remoção do automóvel do centro da cidade. Enfatiza também a identidade única da cidade, a necessidade de incentivar o desenvolvimento e crescimento da malha urbana de modo a atrair novos residentes, para além da importância de harmonizar este desenvolvimento com a permanência da identidade local. Além desta visão generalista, há ainda a ambição de repensar a sua praça central que circunda a igreja principal e foi, por muito tempo, o lugar para o mercado semanal de sábado e um parque de estacionamento nos restantes dias.

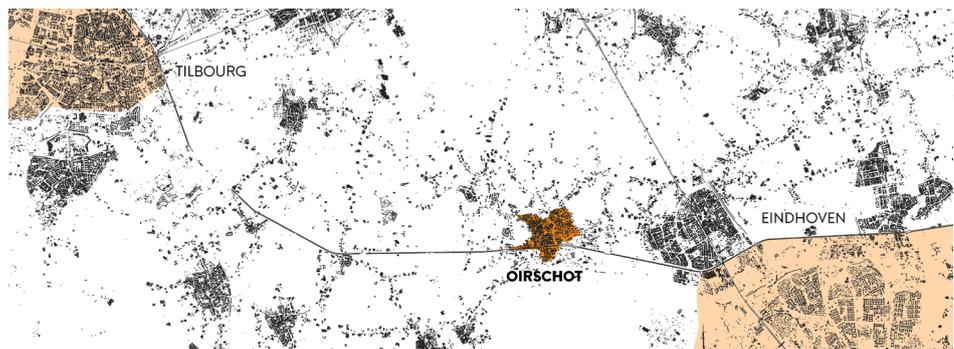


FIGURA 42 - ANÁLISE ESPACIAL DA ENVOLVENTE DA CIDADE DE OIRSCHOT

A conceptualização da abordagem a esta comissão gerou algum debate no *atelier*. A chegada de uma nova colega, a Maryia, de formação francesa, volta a pôr em evidência as similaridades e disparidades entre as atitudes de projetar. Enquanto Maryia, eu, e em parte o Marco, propomos uma abordagem holística, uma análise profunda à cidade e aos locais de intervenção, com o objetivo de identificar as suas fragilidades e oportunidades, o consenso neerlandês sugere uma abordagem mais pragmática e eficaz, em concordância com o programa: o estudo e alteração os perfis das ruas indicadas e a intervenção na praça central. A informação necessária para a intervenção resultaria dos *workshops* e trabalho com a comunidade local, não havendo necessidade de uma análise detalhada em preparação. Talvez seja a mentalidade cooperativa e a importância dada ao *co-design*, à consulta pública e ao diálogo, aparentemente intrínseco ao método neerlandês, que os leva a negligenciar esta análise tão minuciosa, pois é nos *workshops* e reuniões que os verdadeiros problemas e soluções vêm à superfície.

EPÍLOGO NEERLANDÊS

As últimas semanas da minha estadia não aparentam ter o peso ou importância que achei que teriam. Tive dificuldade a processar que eram, de facto, os últimos dias daquelas rotinas, lugares, pessoas, clima e costumes. Os lugares mais comuns e ordinários são-me os mais queridos. *Nieuwe Binnenweg*, na sua confusão e atividade perpétua, nas suas esplanadas e cafés e nos parques que a cruzam tornou-se familiar, encontro ali algum bocado do que é meu (Fig. 43).

Até o que me era tão distante, a praça *Schouwburgplein*, se apresenta, nestes últimos dias, como mais bela, mais conveniente. Talvez seja a oportunidade de usos que o espaço permite, visto agora durante o verão - um vão a ser apropriado que possibilita uma infinidade de usos que este vasto vazio provoca. A relva sintética e a materialidade do mobiliário ainda são difíceis de digerir, mas dou por mim a desacelerar o passo e a parar um pouco para vivenciar o espaço. É o espaço exterior como mediador da confusão que o envolve, naquela *assemblage* de estilo arquitetónicos, materialidades e alturas, é o vão que se destaca (Fig. 44).



FIGURA 43 - ASPETO DE NIEUWE BINNENWEG, 2022. ADAPTADO DE INDEBUURT.NL

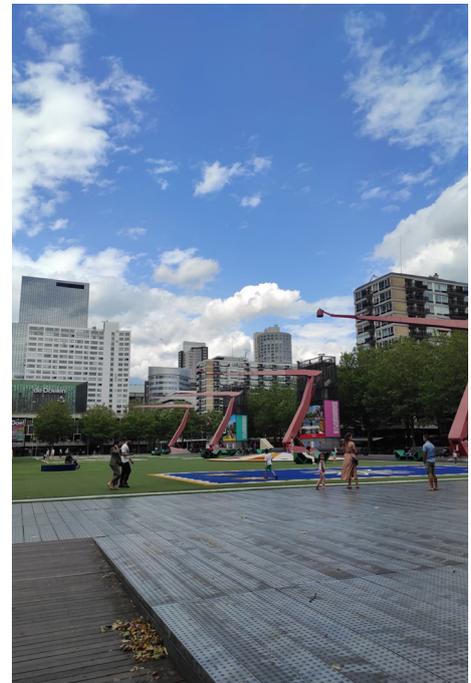


FIGURA 44 - SCHOUWBURGPLEIN, JULHO DE 2023

O regresso momentâneo a Amesterdão, para a minha despedida oficial do *atelier*, permitiu-me explorar um pouco mais a cidade, aproveitando para visitar alguns projetos de sucesso. Neste segundo contacto encontrei mais de Roterdão na capital neerlandesa, a mesma impressão do *não-lugar*⁽¹⁾, das ruas que parecem não constituir cidade. O horizonte visto a partir da estação e através do canal causa a mesma impressão que o centro da cidade de Roterdão: uma amalgama de grandes gestos arquitetónicos, que parecem competir entre eles pela minha atenção (Fig. 45). O bairro dos *West 8* é confortável, perigosamente bonito e a escala da vizinhança, a apropriação da rua e o estender da casa para lá da porta desperta a minha curiosidade. O desenho é simples, com atenção aos detalhes e à multifuncionalidade do espaço exterior, as oportunidades são infinitas. Da composição simples destaca-se a ponte pedonal que une duas partes da vizinhança, uma peça vermelha, escultórica e arrojada. (Fig. 46)



FIGURA 45 - PERSPETIVA A PARTIR DA ESTAÇÃO CENTRAL DE AMESTERDÃO, JULHO DE 2023

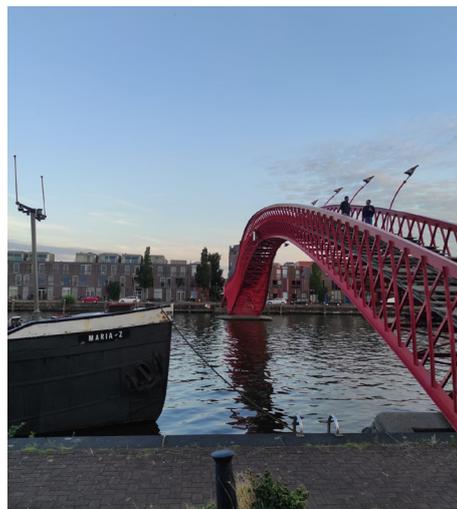


FIGURA 46 - PONTE PYTHONBRUG, PERSPETIVA SUL-NORTE, JULHO 2023

(1) *Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir como identitário, relacional ou histórico definirá um não-lugar.* (Augé, 1994, p. 73)

A propósito da conclusão das negociações sobre o projeto de *Hofplein*, tive a oportunidade de visitar um dos maiores viveiros dos Países Baixos. As proporções imensas das árvores que estão a ser avaliadas e escolhidas reforça a ideia de uma atitude utilitária e impaciente (ou conformada) perante a paisagem e o clima. Nunca pensaria plantar um parque novo com árvores daquela dimensão, praticamente adultas (Fig. 47 e 48). Não apenas pelas dificuldades técnicas que a operações exige, mas também pelo dispêndio económico que é adquirir uma árvore adulta. Talvez seja uma *lente lusitana* que me dificulte a compreensão. Ainda a respeito deste tema, aparenta haver, na minha opinião, uma lacuna na formação do arquiteto paisagista neerlandês, no que toca ao conhecimento do material vegetal. Estudantes a terminar o mestrado deveriam ter no seu leque de capacidades algum conhecimento sobre a vegetação com que vão trabalhar no futuro e saber distinguir entre uma árvore de qualidade e uma árvore mal-conformada ou doente. Algo como uma paleta fundamental, a partir da qual é possível responder a qualquer situação, permitindo uma interpretação das possibilidades do local e a criação de um desenho bem fundamentado. Esta paleta evolui e é complementada pela curiosidade, pesquisa e trabalho.

O que acontece é o oposto: é da necessidade de dar resposta a um problema que surge o conhecimento. Sempre pensei que os séculos de horticultura iriam dotar os arquitetos paisagistas neerlandeses de domínio imenso sobre a vegetação. Dos arquitetos paisagistas neerlandeses que conheci apenas o Cor Geluk, arquiteto paisagista sénior com formação prévia em horticultura, mostrava um domínio amplo da vegetação. Talvez seja possível que este fenómeno resulte da especialização e separação de funções durante os processos projetuais e operativos mencionados anteriormente.



FIGURA 47- EXEMPLARES DE PINUS NIGRA NOS VIVEIROS EBBEN

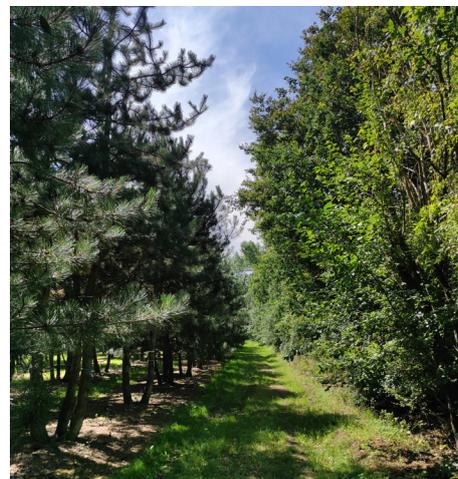


FIGURA 48 - ASPETO DOS VIVEIROS EBBEN, JULHO 2023

Já em vésperas de regresso, a urgência em terminar as entrevistas, que estavam planeadas no *Het Park*, levou-me a redescobri-lo enquanto procurava por candidatos adequados. Encontro cantos escondidos, formas belas no movimento de certas árvores junto à água enquanto observo pessoas a viver verdadeiramente o espaço, o que me deixou profundamente satisfeito. É este o nosso trabalho, desenhar espaços que possibilitem a felicidade. Em retrospectiva, consigo notar uma evolução da minha relação com este parque, que parte de um ponto sensorial, intensamente visual, da fugacidade da novidade, o choque com a ausência de topografia e da promessa de uma primavera adornada a algo mais afetivo. O parque faz parte da minha rotina, confiro as florações, noto o desenvolver das novas folhas, da população de chapins e piscos-de-peito-ruivo, é nele que noto o avançar das estações. É uma extensão de mim, onde vou para me recrear e onde partilho, sem que ninguém suspeite, da felicidade comum a todos os que também se recriam lá.

A noite do meu regresso foi virtualmente idêntica à da minha chegada - a mesma noite chuvosa coberta de nevoeiro frio. Um ciclo perfeito que deixaria a *família Buendia*⁽²⁾ orgulhosa (ou aterrada); o fim dos comboios que rasgam ortogonalmente esta paisagem monótona, também ela ortogonal. Mais do que a experiência, é a companhia que faz o lugar, tenho aos amigos a agradecer por me darem a conhecer ou partilharem comigo estes espaços. Estaria em falta uma camada crucial de interesse se tivesse experimentado estes seis meses sozinho.

A impressão de regressar é peculiar, embora vá ao encontro dos mesmos sítios e das mesmas pessoas e tudo seja familiar, nada parece verdadeiramente real. Sinto-me estrangeiro no meu país, nos meus lugares e nas minhas rotinas, como se estivesse a ser inserido numa conversa que já está a meio, a tentar entender do que esta trata. Pedaco a pedaco vou reconstruindo esta familiaridade adormecida. Tento praticar as rotinas adquiridas durante estes seis meses - a escalada, os passeios, o cinema - numa tentativa de, eventualmente, honrar a minha ausência por terras mais temperadas. Encontro o verão tal como o esperava, quente e pesado nas minhas costas. Esta luz intensa e calorosa, que combina com os sobreiros descortiçados e, mais do que tudo, a ausência de um vento que nunca dá tréguas. A condição da bela praia lusitana.

BREVE HISTÓRIA DA ARQUITETURA PAISAGISTA NOS PAÍSES BAIXOS

Tendo em conta as impressões registadas ao longo desta experiência, é agora pertinente analisar a história e evolução da prática da arquitetura paisagista neerlandesa. Procura-se, através da investida sobre a base bibliográfica que envolve o tema, estabelecer uma imagem do percurso da disciplina até à atualidade e fundamentar (ou dissolver) as considerações redigidas ao longo deste período de seis meses. Deste modo, será posteriormente possível tentar estabelecer uma generalização da atitude neerlandesa perante a paisagem, um aspeto do seu etnocentrismo.

A arquitetura paisagista neerlandesa surge, como em muitos outros países europeus, de uma tradição secular, muito bem estabelecida, de desenho de parques e jardins. (Meeus & Vroom, 1986, p.278). Segue as tendências dos jardins europeus, do romântico ao barroco e, durante os séc. XVII-XIX, a moda do jardim paisagista inglês é importada para os Países Baixos, ainda que limitada na sua expressão topográfica pela paisagem tipicamente plana do país. A estética do jardim do espanto, ornamental e romântico, reina no país até ao fim do séc. XIX, quando um crescente interesse pela ecologia, biodiversidade e a relação entre natureza e bem-estar começa a negar esta preferência (Deunk, 2002).

Estabelecida em séculos de tradição e prática, a arquitetura paisagista existe, então, apenas confinada à sua vertente de composição, gestão de água e trabalho com vegetação. São as características geográficas particulares da região, a cota baixa e a constante conquista de território ao mar, através da construção de polders e respetivos diques, que fomentam a evolução e expansão da disciplina para além do jardim no início do séc. XX (Toorn, 2022, p.4). Estes terrenos resgatados à água têm de ser planeados e estruturados, para acomodarem a exploração agrícola e a pastagem de animais. Durante séculos estas novas paisagens constituem de composições ortogonais, ritmadas e equilibradas, dispostas num terreno plano. No fim do séc. XIX, a expansão demográfica leva à necessidade de planejar estes campos para usos mistos, conciliando a habitação com a produção e o recreio, havendo assim a necessidade de planejar uma paisagem.

Os principais fomentadores da transição da arquitetura de jardins (ou da paisagem) para o espaço público são os Serviços Florestais Estatais dos Países Baixos, realizando inúmeros planos de consolidação de terra, planeamentos de pólderes e planos regionais (Meeus & Vroom, 1986, p.279).

Jan Bijhouwer, integrado nos Serviços Florestais Estatais e na equipa responsável por trabalhar no projeto do polder *Wieringermeer* (1931), é o primeiro a desviar-se da abordagem comum à época. Realiza estudos de ventos dominantes e propõe vegetação adaptada, plantada para proteger as culturas, as quintas e as vias de comunicação (Deunk, 2002). O desenvolvimento do *Boschplan* (Fig. 49), em Amesterdão, na terceira década do séc. XX, pensado como oposto antagónico, calmo e harmonioso à cidade turbulenta, é outro momento importante a destacar na mudança da atitude neerlandesa. É o primeiro parque projetado a esta escala que procura conciliar o recreio com a natureza, conjugando a oportunidade para o desporto e o sossego. As diferentes tipologias e a coleção de espécies revela novamente o crescente interesse pela diversidade. A tradição da horticultura pela qual o país é ainda hoje conhecido contribui imensamente para este efeito. A morfologia ortogonal, “moderna” e austera, típica dos pólderes, é conceptualizada pelos responsáveis pelo projeto, sendo depois abandonada, revertendo ao estilo clássico sinuoso e curvilíneo tradicional (Deunk, 2002), uma pequena amostra de modernismo.



FIGURA 49 - MAPA DE AMSTERDAMSE BOS, 1937, RETIRADO DE AMSTERDAMSIGHTS

A Academia só começou a formar arquitetos paisagistas no ano 1945, com a criação do curso na Universidade de Wageningen. A prática profissional da arquitetura paisagista cresceu exponencialmente, incidindo, principalmente, em projetos de grande escala: planos de paisagem rural, planos de polders, planos de consolidação do território (Toorn, 2022, p. 4). A componente teórica da profissão e do ensino estava restrita a problemas específicos: teoria ecológica, horticultura e vegetação, psicologia ambiental e a experiência do espaço. É a obra de Ian McHarg, *Design with nature* (1969), que esboça os princípios de uma intervenção holística, a ser prontamente aplicada no plano do curso. A investigação na disciplina ganha também tração, sendo montados inúmeros projetos com essa finalidade, envolvendo profissionais, docentes e alunos (Toorn, 2022), (Meeus & Vroom, 1986).

Jan Bijhouwer, um dos primeiros professores na universidade de Wageningen e um dos profissionais mais influentes no estabelecimento da arquitetura paisagista neerlandesa, enfatiza a necessidade da expansão das suas competências além da composição, da técnica e da horticultura.

Destaca o papel crucial que a arquitetura paisagista deverá desempenhar no planeamento e desenvolvimento do país, de expandir o seu domínio e posicionar-se ao lado do urbanismo, participando ativamente em projetos de planeamento da paisagem e da urbe (Dooren, 2017, p. 146). A participação ativa em questões do espaço público leva ao desenvolvimento de novas competências e a prática da profissão muda - há agora a necessidade de trabalhar em equipas multidisciplinares, em harmonia com a componente artística, botânica, hidráulica e construtiva. A aprendizagem acumulativa e ativa, de tentativa e erro e de aprender com a experiência é algo tipicamente neerlandês - os eventuais erros e sucessos do passado informam as decisões do futuro.

A distinção entre a arquitetura paisagista e arquitetura de jardim é estabelecida em 1954, sendo arquitetura paisagista "a criação de uma paisagem satisfatória e habitável, que serve de plantas a uma escala limitada e que atua principalmente sobre campos já reservados à agricultura" (Deunk, 2002). É o início do gradual desligamento da arquitetura paisagista às suas raízes profundas na horticultura e jardins.

O impacto da Guerra e da evolução tecnológica deixou o país devastado, as cidades em ruínas, os solos esgotados e o nível da água muito baixo. Há a necessidade de repensar a cidade, a natureza e a paisagem, e conquistar, consolidar e recuperar polders. A necessidade de profissionais competentes como arquitetos paisagistas, urbanistas, arquitetos e engenheiros desenvolve o pensamento crítico,

conceptual e operativo necessário para levar esta recuperação avante.

Nas décadas que se seguem, no contexto do pós-guerra, a corrente modernista e o trabalho do arquiteto paisagista Hans Warnau é responsável por influenciar profundamente a profissão. É o romper da estética de parque em voga durante os duzentos anos anteriores, o parque paisagista inglês, e a chegada de algo novo (Heyde, 2017, p.59). A sua abordagem funcionalista e utilitária, que resulta em propostas sóbrias, propositadas, com foco nos valores sociais e nas valências do local de intervenção - a conveniência do lugar - e os seus contributos escritos sobre a matéria foram cruciais para definir o movimento modernista neerlandês no que toca à arquitetura paisagista. Pragmático, põe o passado no seu lugar, recusando a sua emulação na atualidade e orienta a sua visão para o presente e o futuro próximo. Nenhum projeto seu é eterno, devendo este ser redesenhado no futuro, quando deixar de dar resposta às necessidades de quem o habita - a atitude de Warnau ecoa através dos meus colegas neerlandeses no atelier. A função do arquiteto paisagista é entregar a solução ótima para o local e os seus utilizadores, se mantém alguma similaridade relativamente ao passado é de pouca importância (Heyde, 201, p. 62).

No que toca ao desenho, este reflete a sua atitude funcionalista, despida do adorno e “manipulação” dos jardins do passado. O visitante deve ser imediatamente capaz de acessar as dimensões reais do jardim e onde os caminhos o irão levar. Espaços compreensíveis e lógicos para os utilizadores, ortogonais, descodificados e capazes de acomodar todo o tipo de usos, revelando mais uma vez a ênfase na componente social do espaço público (Fig. 52).

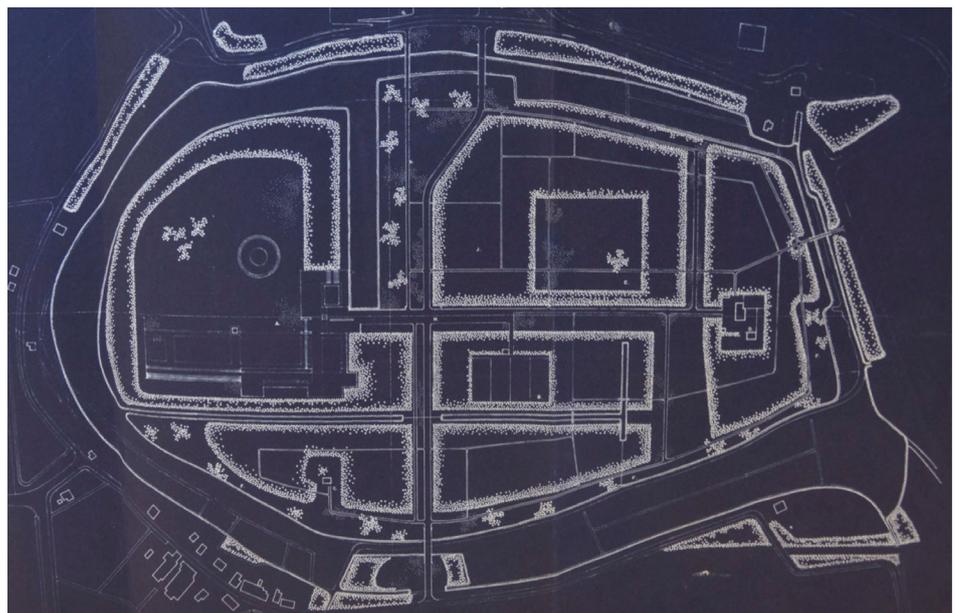


FIGURA 52 - PLANO DE DEVELPARK POR HANS WARNAU. RETIRADO DE HEYDE, 2017

É importante destacar que a aparente simplicidade do desenho resulta, não só de uma preferência pessoal, mas da especificidade do local, como ilustra o projeto de Warnau para a intervenção sobre um local inserido em contexto dunar (Fig. 53). As condições regionais ou específicas ao local ditam o tipo de vegetação a utilizar, informadas pelo crescente desenvolvimento e interesse da fitossociologia, desviando-se da estética ornamental do jardim até à época. Plantas nativas ou bem-adaptadas, capazes de prosperar naquelas condições, começaram a ser a solução mais apreciada (Heyde, 2017, p.64). A abordagem holística e sistémica, permite a relação das diversas disciplinas com a participação da arquitetura paisagista, permitindo uma visão unificada da paisagem como um sistema natural, socioeconómico e cultural (Toorn, 2022).

O processo de conceptualização, planeamento e desenho de *Flevopolder*, revela a evolução da profissão e a influência do pensamento modernista sobre a disciplina e sobre os responsáveis. O conceito parte da análise das características do local: procuram introduzir-se valores urbanos na nova paisagem rural e dissipar quaisquer transições bruscas e distinções entre o rural, o urbano, a floresta e os campos de cultivo através de zonas de transição. O desenho resulta do envolvimento de uma equipa multidisciplinar e das preocupações e influências de todos os envolvidos, resultando numa *paisagem de compromisso* (Meeus & Vroom, 1986, p.288). A estética de uma paisagem com transições subtis não é compatível com a malha racional necessária para produção agrícola efetiva. O mesmo se aplica às áreas florestais designadas à conservação da natureza. A incapacidade de orientar e moderar todos estes ideais resulta num conjunto incoerente, uma colagem de geometrias particulares (Fig. 54).



FIGURA 53 - ESBOÇO PARA JARDIM DE STOVE POR HANS WARNAU, ADAPTADO DE HEYDE, 2017

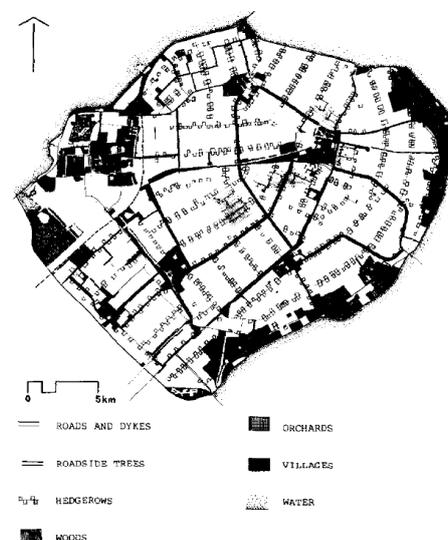


FIGURA 54 - PLANO DE FLEVOPOLDER. ADAPTADO DE MEEUS & VROOM, 1986.

O envolvimento multidisciplinar abre o leque de ponderações, problemas e soluções ao projeto, evolução cuja pertinência é inquestionável. O desenho é elucidado pelos vários problemas e parte para os resolver. Aspectos como a ecologia, a gestão da água e o uso do solo dominam sobre uma conceção estética, que parte agora das qualidades únicas do lugar. É o contexto social, técnico e geográfico que dita o desenho. Na década de oitenta do séc. XX, o paradigma tinha mudado completamente: o país havia, aparentemente, recuperado da crise e prosperava.

Toda a paisagem tinha sido mapeada e políticas públicas eram redigidas para garantir a sua gestão eficaz. A ausência de uma primeira natureza divide a arquitetura paisagista entre a rutura completa e a experimentação, ou a cristalização.

A componente ecológica permanece importantíssima, associada agora à sua componente “terapêutica”. Pensar verde era popular e politicamente correto (Deunk, 2002). A importância dada a ecologia atinge o seu esplendor na elaboração do *Plan Oieever*, de 1985, que tem em vista a reintrodução da cegonha preta no vale do rio Reno – entrada vencedora da competição *Eo Wijers* desse ano (Dooren, 2017, p. 141). O sucesso do plano assegura o estatuto do arquiteto paisagista como moderador entre a natureza, a sociedade e a tecnologia, um especialista de generalidades. Trata, na maneira que se torna tipicamente neerlandesa, não do que foi, mas do que será (Deunk, 2002).

Este determinismo ecológico, estandarte da arquitetura paisagista neerlandesa, marca o início do movimento pós-modernista. Tanto o *Plan Oieever* como o parque *Amsterdamse Bos* revelam uma estética baseada não na arte, mas na ecologia. Procuram assistir à natureza, aproximando-se mais ao ideal de “natureza” sublime, provocado pelo que esta conseguir produzir quando lhe são proporcionadas condições ótimas (Dooren, 2017, p. 76). O bem e o belo indistintos, sendo uma e a mesma coisa. São estes projetos os responsáveis por alterar a atitude perante a arquitetura paisagista, ilustrando que é possível, através do desenho, assistir a natureza nos seus processos naturais.

A valorização da profissão, a expansão do número de ateliers, em resposta à supressão de departamentos públicos de planeamento, e a influência de concursos e intervenções internacionais como o *Parc de La Villette* permitem a expansão da arquitetura paisagista neerlandesa (Dooren, 2017, p. 141). Firmas como *West 8*, *B+B* e *H+N+S* experimentam novas linguagens, novos materiais e exploram novas escalas e programas, pavimentando o caminho para a profissão.

A arquitetura paisagista adquire responsabilidade e respeito, equipara-se às outras disciplinas inseridas no processo de planeamento: arquitetos, engenheiros, ecólogos, urbanistas, sendo muitas vezes os arquitetos paisagistas responsáveis pela liderança da equipa. Até a urbanização se tornou uma competência ao encargo (parcial) do arquiteto paisagista.

O pós-modernismo neerlandês destaca-se pela experimentação e uma abordagem mais orientada para a forma. É a época dos projetos excitantes que provocam espanto e criam propósito só por si. Obras como a praça *Schouwburgplein* pelos *West 8*, o complexo de *Zaaneiland* pelo grupo *Hosper* (Fig. 56), ou o *Museumpark* de Yves Brunier (Fig. 55). A abordagem experimental também se estende aos pólderes, rejeitando as visões muitas vezes nostálgicas, que em nada refletem a identidade local e procuram estabelecê-los como pontos de interesse únicos que se desenvolvem e adquirem uma história.



FIGURA 55 - COLAGEM DE YVES BRUNIER, MUSEUMPARK, ROTERDÃO, 1992. ADAPTADO DE LANDSCAPETHEORY1



FIGURA 56 - FOTO AÉREA DE ZAANEILAND, PELO GRUPO HOSPER, 1992. ADAPTADO DE DOOREN, 2017

A distinção entre arquitetura e arquitetura paisagista torna-se cada vez mais ténue, a experimentação dos projetos relaciona-se com materialidades, morfologias e motivações políticas, numa performance ou reformulação, por vezes irónica, de algo que já existe. A experiência do espaço torna-se algo eclético, cuja apreciação parte não da impressão do espaço, mas sim da interpretação e compreensão desta sua segunda natureza (Deunk, 2002). A disciplina distancia-se completamente da sua intimidade secular à horticultura e dos sistemas naturais, fatores que distinguiriam os arquitetos paisagistas das outras especialidades de design. A ascensão de profissionais como Piet Odoulf, designer de jardins, vem vincar essa clivagem na profissão e o regresso dos amantes de plantas às suas categorias anteriores: a nova vaga do desenho de jardins.

O pós-modernismo dita o fim da prática secular dos pólderes, com a decisão de não construir o *Markerwaard* durante a década de setenta do séc. XX. Os contributos de trabalhos a esta escala, autênticos laboratórios ao ar livre, para a evolução da profissão são inquestionáveis. A dissolução de vários órgãos de planeamento governamentais e a formação de inúmeros ateliers de arquitetura paisagista ditam o início de uma nova era.

A arquitetura paisagista neerlandesa com que me deparei distancia-se, em parte, do pós-modernismo do fim do séc. XX. A prática profissional continuou a sua expansão, a sociedade evoluiu e a investigação na área foca-se em questões atuais como as alterações climáticas, na transição energética, na criação de ambientes saudáveis e no crescente problema da grande densidade populacional (Toorn, 2022, p. 8). A emergência climática será o grande problema com que a emergente geração de arquitetos paisagistas terá de se debater. O encerramento do Ministério da Habitação e Planeamento, em 2010 (Toorn, 2022, p. 8), é um sinal da clara ascensão da política neoliberal nos Países Baixos e do domínio das forças do mercado sobre a administração governamental. O planeamento neerlandês e a sua tradição milenar de políticas públicas vêem-se de repente desfeitos. Passados dez anos, o mercado não conseguiu resolver o problema da habitação e da necessidade de acomodar a crescente densidade demográfica, razão pela qual os órgãos públicos são originalmente encerrados.

Ainda assim, as implementações das iniciativas *Eo Wijers* são importantíssimas para a cultura de planeamento e políticas públicas nacionais. Destes concursos resultam ideias revolucionárias como o *Room for the River*, que abordam o problema que os Países Baixos têm evitado durante oitocentos anos: a construção de diques cada vez mais altos para conquistar cota à subida gradual do nível do mar. A solução é pragmática e consciente, procura arranjar espaço para o rio, deslocar os diques em direção ao interior e “abraçar” a intrusão marítima, criando um sistema de delta único, dinâmico e ambivalente, capaz de conjugar a produtividade e o lazer. O impacto é imenso, motiva o país a explorar esta solução e aplicá-la a nível nacional.

A atitude pragmática e futurista permanece, sendo visível na prática do dia a dia. O ego pós-modernista foi atenuado e parece agora moderado pelo dever civil de praticar o bem. Modera-se o bem ecológico, a unicidade do lugar, o programa social e as exigências dos financiadores e promotores imobiliários. A participação pública é fundamental e o envolvimento da população no processo de desenho viabiliza e fortalece o projeto.

O papel do arquiteto paisagista é também o de um moderador: regateia, convence, negocia e ludibria, obrigado a movimentar-se num ambiente condicionado não pela estrutura governamental interessada no desenvolvimento e no bem comum, mas pelos caprichos e imprevistos da especulação imobiliária e dos investidores que procuram maximizar os seus lucros.

A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NEERLANDESA : NATIVOS E EXPATRIADOS

Com uma noção da evolução da profissão nos Países Baixos, a experiência acumulada ao longo da minha estadia em Roterdão e dada a proximidade ao fim do meu período de estágio, foram realizadas uma série de entrevistas aos meus colegas do atelier: arquitetos, urbanistas e arquitetos paisagistas, nativos e expatriados. Com estas procurei compreender a influência da cultura, formação académica e experiência profissional na forma como percebemos um mesmo ambiente. Procuo também provar a pertinência e exatidão das conceções que estabeleci, ou assimilei, através da pesquisa bibliográfica durante estes seis meses, de maneira a conseguir, num capítulo posterior, esboçar uma imagem do que é a atitude neerlandesa perante a paisagem.

Começando pelo testemunho dos nativos: Cor Geluk, horticultor de formação, arquiteto paisagista e urbanista sénior; e Floor Hendrickx, arquiteta paisagista a terminar a sua tese de mestrado; é-me possível notar algumas similaridades no que toca à conceção de paisagem, ao papel do arquiteto paisagista e ao arquétipo neerlandês relativo à arquitetura paisagista.

Sobre o que distingue a arquitetura paisagista neerlandesa e a sua atitude perante a paisagem, partilham opiniões concordantes e complementares: “são um povo funcional, lógico e científico, que nada tende para o romantismo” (Hendrickx, 2023). Um povo que organiza compulsivamente, para quem todo o ato tem um propósito e até o próprio ato de não fazer algo é intencional. Há uma predisposição genética para a inquietação, até sobre o que está bem resolvido. Vêem a sua condição geográfica como uma oportunidade, um pátio de recreio, ou um laboratório ao ar livre, disposto a todas as alterações imagináveis. E acima de tudo, acreditam genuinamente de que, pelas suas mãos, *nada é impossível* (Geluk, 2023).

Também se destacam divergências, resultantes das diferentes formações académicas e da disparidade regional. Enquanto a noção de paisagem para Geluk (2023) é mais utilitarista e funcional, relacionada com intervenções sobre a cidade - parques, praças e ruas - e a gestão da água e o problema dos diques, uma visão relacionada com o seu “dever holandês” como organizador do espaço e solucionador de problemas. Para Hendrickx (2023), “a paisagem compreende o espaço acessível a todos, o lugar de todos e para todos, onde

toda a população tem as mesmas oportunidades”. Esta noção de paisagem traduz-se no que é o papel fundamental do arquiteto paisagista: fazer lugares agradáveis. Este discurso vai ao encontro do de Geluk (2023), que tem uma visão que se estende para além do desenho: o arquiteto paisagista tem também o papel de iniciador e motivador, capaz de convencer a população das mais valias do seu trabalho, assegurar que vai correr tudo bem e ajudar a visualizar o seu futuro, carregando também a responsabilidade de moderador, encarregue de garantir a boa fluidez do processo.

Quando questionados sobre o que viabiliza e qualifica um projeto de arquitetura paisagista, ambos começam por indicar aspetos relativos ao desenho: “um bom projeto é sempre um bom desenho” (Geluk, 2023); “é fundamental (...) prestar atenção a todas as camadas no desenho, enfatizar a plantação e a componente ecológica” (Hendrickx, 2023). Dito isto, ambos mencionam a importância do “envolvimento – conceptual e emocional - da população no processo do projeto para a viabilização do mesmo” (Geluk, 2023) e “a atenção às funcionalidades sociais do lugar – novamente, a importância de um lugar onde a população se sinta bem” (Hendrickx, 2023).

A influência da história e tradição do país, relativamente à conquista de território ao mar, é explorada de modo mais subtil através de Hendrickx. As suas origens na região sul dos Países Baixos, onde não há tanta necessidade de reclamar solo e os residentes habitam de maneira mais harmoniosa com a água, motiva, parcialmente esta clivagem. É importante referir que Geluk é originário da província da Holanda do Norte, que teve, desde sempre, de conquistar território ao mar e ainda esteve exposto a esta tradição nos seus anos de formação.

A perceção dos colegas expatriados, no que toca à pertinência, alcance e função da profissão é similar à minha e à dos entrevistados anteriores, todos partilhamos algum sentido de responsabilidade altruísta através do nosso trabalho: “o design é a nossa ferramenta; fazer um bom trabalho é contribuir positivamente para o futuro” (Barros, 2023). Distanciamos-nos, assim, da atitude capaz de realizar o impossível expressa por Geluk, para uma visão mais moderada, contextualizada, que opera num plano médio entre a superespecialização e a soberania.

A atitude mais romântica, na expectativa e experiência do espaço, esperada dos colegas mediterrâneos, é clara: o que cativa o José Barros, o Enrico Corvi e o Marco Di Flavio é a narrativa do espaço. “O despertar da curiosidade, a necessidade de o explorar e a provocação constante do espanto” (Barros, 2023). A vivência do espaço é igualmente importante, mas parece surgir de um plano mais humano

e afetivo – uma satisfação partilhada – e não o sucesso programático do projeto. A oportunidade e liberdade para nos recriarmos como desejarmos é também mencionada por Barros (2023).

É “a percepção da sazonalidade, da evolução de um projeto ao longo do tempo, uma vez que um projeto de arquitetura paisagista só consegue melhorar com a idade; a capacidade do lugar de despertar da tua ponderação para algo novo”, tanto como indivíduo e como projetista; e a sensação de uma “intervenção contextualizada e única, verdadeiramente intencional, que torne inquestionável a sua pertinência, uma vez que só poderia existir exatamente onde existe” (Di Flavio, 2023).

Esta noção de temporalidade parece-me dialeticamente oposta à expressa pelos colegas neerlandeses. A abordagem neerlandesa, mesmo que desapegada e experimental, poderia eventualmente permitir uma intervenção assim integrada, não conseguiria, no entanto, recriar o mesmo sentimento de evolução e temporalidade que Di Flavio (2023) invoca. “A idade média de uma árvore em espaço público ronda uns meros 35 anos” (Geluk, 2023), as árvores plantadas em obras são já adultas, a inquietação e o aluimento progressivo do solo nem sempre permitem ao espaço desenvolver-se o suficiente para recriar estas experiências.

Corvi (2023) valoriza outra situação: a dos espaços que se sintam “espontâneos, apropriados, em oposição a espaços onde o desenho é impositivo e por vezes limitativo; a reinterpretção de um espaço, a sua fruição além dos usos que lhe eram destinados”. Esta categoria compreende também os espaços descodificados, polivalentes e permeáveis a todo o tipo de pessoas e situações. Estabelece-se assim uma oposição à impressão de Di Flavio (2023) do espaço público neerlandês como um jardim onde nada é deixado ao acaso e à atitude neerlandesa do ordenamento e planeamento sistemático e previsível.

Sobre a prática da arquitetura paisagista neerlandesa, existe um consenso na interpretação dos Países Baixos como o país da oportunidade, visão motivada pela “ampla disponibilidade de capital, a apreciação geral pelas disciplinas de projeto e a relevância nacional da inovação – é aqui que tudo acontece e tudo é possível”. O que distingue a arquitetura paisagista nacional é, não o resultado, uma estética ou estilo de projeto, mas sim o processo (Barros, 2023).

Trata-se de algo “exato, ordenado – passos essenciais e incontornáveis, a ser tomados nesta exata sucessão – e confiante” (Barros, 2023). Esta confiança é por vezes desmedida e não-fundamentada (mas louvável) – talvez seja a experimentação audaciosa o fator responsável por possibilitar

tal fenómeno. De louvar é também a participação pública, o interesse dos municípios em levar as suas ambições até ao fim, sem medo de inovar e com a atenção em atender a um nível adequado e sempre preocupados com o bem-estar da cidade, que tem uma influência indiscutível no desenvolvimento do país e na prática da profissão (Di Flavio, 2023).

O pragmatismo envolvido no ato projetual através do cumprimento das agendas (temporais, políticas e ecológicas) acaba por ter, na minha opinião, um efeito negativo no produto final. Não há um aprofundamento do assunto por curiosidade, ou trabalho além do espetável: “o trabalho é eficiente e simples” (Di Flavio, 2023). Esta atitude não é tida como incompetente ou de alguma forma medíocre, é o espetável, a simples resposta ao desafio proposto. A valorização depreciativa que lhe imprimi está unicamente dependente da perceção individual de cada um.

As máximas da biodiversidade, sustentabilidade, ecologia e gestão consciente da água são os estandartes de um bom projeto, os elementos-chave da garantia de um projeto de sucesso, numa espécie de performatismo sustentável ingénuo, efeito que só é agravado pelo excesso de confiança e pragmatismo ilustrados anteriormente. “Reduzem-se a grandes projetos e grandes gestos, executados segundo uma agenda bem definida” (Corvi, 2023).

Esta standardização da boa arquitetura paisagista parece distanciá-los da atenção à especificidade do local, que possibilita intervenções convenientes, aproximando-os da “imposição mais típica da arquitetura convencional”, uma abordagem ausente de nuances e intenções verdadeiramente ponderadas (Corvi, 2023).

Uma vez que o urbanismo e planeamento partem das disciplinas de economia e gestão, o que vai ao encontro de como o país foi e é gerido e regulado, gera-se aqui uma diferença na abordagem: o estudo do espaço e o desenho concreto são negligenciados em prole do trabalho em volta conceitos, princípios e políticas – “criar e aplicar regras, mais do que desenhar o espaço” (Corvi, 2023). Esta abordagem mais ambígua ou simplificada é bastante comum e muito apreciada, sendo que o povo neerlandês sempre precisou e foi eficiente no uso da comunicação para resolver os seus problemas – conceitos, *moodboards* e cenários facilitam o diálogo durante o processo participativo e permitem um processo de decisão mais democrático.

A perceção exterior da atitude neerlandesa perante a paisagem é uma de “controlo” (Barros, 2023), talvez dada a história e a necessidade de gerir, desde cedo, “um país que não se lembra de viver com uma primeira natureza” (Corvi, 2023).

Esta posição manteve-se até aos dias de hoje e estende-se à globalidade do espaço exterior -um jardim imenso, com as características usuais de um jardim: um espaço controlado e gerido, onde há liberdade e à vontade para a expressão individual, trata-se do teu jardim afinal (Di Flavio, 2023). O jardim global neerlandês é um jardim *orwelliano*⁽³⁾, “consciente e em controlo do que acontece à tua volta no espaço público, onde não há à vontade para te expressares inteiramente”, uma vez que obedece a um certo *canon* que não se domina como indivíduo alóctone. A experimentação e o progresso, são as palavras que se destacam. Vêem-se como inventores e ensaístas com ambição e audácia suficiente para fazer algo que ninguém ousaria experimentar.

Em suma, e indo de encontro do que foi estabelecido anteriormente neste capítulo, “tudo é possível e consegue estar pronto em oito horas” (Di Flavio, 2023).

(3) Orwell, G. (2007) Mil Novecentos e Oitenta e Quatro. Antígona.

ASPETOS DA ATITUDE NEERLANDESA

Kullber (2019, p.14), define sumariamente o modo como os neerlandeses se relacionam com a paisagem: *pragmáticos, utilitários e um pouco ahistóricos*.

A informação recolhida para a elaboração dos capítulos anteriores e as entrevistas realizadas no *atelier* pretendem fundamentar as impressões apontadas ao longo destes seis meses e revelar novos aspetos que ainda não tinham sido tidos em consideração. Pretendo, agora que foi estabelecida uma imagem da história da arquitetura paisagista neerlandesa e uma visão sobre a sua prática atual, representar a minha perceção do que é a unicidade da atitude tipicamente neerlandesa perante a paisagem.

Será também importante mencionar alguns aspetos relevantes da história do país e da paisagem, uma vez que revelam componentes essenciais do modo de perceção neerlandês. Oitocentos anos de práticas de reclamação (ou conquista) de terra ao mar deixaram uma marca evidente na maneira este povo se relaciona com a paisagem. Este período permite o desenvolvimento técnico necessário para levar a cabo estas operações e o desenvolvimento social adequado ao ordenamento e gestão destas novas parcelas de terra (Roncken, 2008). A tendência a objetificar, instrumentalizar, moldar e explorar a paisagem é uma tradição. A paisagem é vista como território a parcelar, vender, escavar e construir onde for conveniente.

A ausência quase primordial de uma primeira natureza (Roncken, 2008, p. 4) e a relação de poder estabelecida com a paisagem (Iedema, Schlette & Kullber, 2019) moldam a estética de paisagem neerlandesa para um ideal diferente e único. Um ideal apoiado no desenvolvimento técnico (os canais, os diques, métodos de cultivo, qualidade da horticultura) e a noção de autenticidade. A pintura neerlandesa espelha esta particularidade estética, mestres pintores paisagistas têm como objeto da sua pintura a cidade, intervenções humanas e maquinaria como os icónicos moinhos. Estas representações da paisagem neerlandesa são apreciadas por serem autênticas, por representarem fielmente o que é a cultura neerlandesa.

Segundo Geuze (2018), a atitude neerlandesa perante a paisagem caracteriza-se por “um profundo desejo pela paisagem, um horizonte sobre um céu azul, evocativo dos trabalhos de pintores e autores do passado.”

A gestão eficaz destes territórios requeria uma atenção particular à comunidade, à distribuição de tarefas, à discussão pública e ao bem-estar comum (Iedema, Schlette & Kullber, 2019). O passado secular de secções de território planeadas e governadas localmente, que cooperam na gestão da água e das vias, constitui um aspeto importante da atitude neerlandesa, até hoje pertinente: a discussão política pública e tomada de decisões em conjunto. A importância da comunidade, da liberdade e da igualdade são questões amplamente mencionadas, tanto na bibliografia como ao longo da minha experiência. O planeamento ordeiro e eficaz do território parte desta tradição - séculos de canais, diques e pólderes sedimentam-se numa cultura de planeamento muito distinta.

Do encontro entre os dois aspetos destacados resulta um terceiro, algo que é referido como uma categoria distinta do sentimento topofílico: o sentimento de pertença ou representação. A qualidade de uma paisagem reside não apenas na sua autenticidade, mas também na sua capacidade de representar a população que a habita e molda, de fazer com que os seus residentes se revejam nela. Esta autenticidade é notável nos trabalhos de Warnau, na atenção que este manifesta com a especificidade do lugar e das questões sociais. A coerência da intervenção permite a preservação da autenticidade da paisagem. A coerência vertical (Roncken, 2008, p. 4-5) entre solo e vegetação que Warnau é um exemplo claro, assim como a sua dedicação às questões sociais e a linguagem sóbria, que pretende não destoar da sua envolvente.

O discurso sobre ecologia e biodiversidade já foi amplamente abordado e desempenha, sem dúvida, um papel importante na paisagem (física e mental) neerlandesa. É, para eles, algo distintivo e “algo de que se devem orgulhar” (Iedema, Schlette & Kullber, 2019, p. 3). A ausência de uma primeira natureza é aceite com o típico pragmatismo neerlandês, que opta por valorizar o artifício da paisagem construída e a diversidade de paisagens e riqueza de fauna e flora presentes num país de tão modestas dimensões. A sucessiva divisão da paisagem em parcelas cada vez menores permite tal diversidade (Iedema, Schlette & Kullber, 2019).

Esta parece ser a ilusão coletiva que o ambiente provoca e o etnocentrismo consegue validar e justificar (Tuan, 1990) - a impressão deixada em mim é de uma paisagem monótona.

Políticas públicas desempenham um papel fundamental no moldar da atitude neerlandesa para a importância da natureza e da sua conservação a partir do séc. XX (Iedema, Schlette & Kullber, 2019).

Associados à identidade nacional, valores de sustentabilidade, conservação da natureza e da biodiversidade foram impressos sobre a definição do que é ser neerlandês (Iedema, Schlette & Kullber, 2019, p. 16-17).

A “obsessiva tendência de intervencionar e alterar compulsivamente, muitas vezes radicalmente, a mesma paisagem” distingue também a maneira neerlandesa (Geuze, 2018). A aparente impaciência que me impressionou e foi debatida no *atelier*, o tempo médio de uma árvore de arruamento (35 anos), as constantes intervenções sobre espaços consolidados, a ocasional leviandade no processo projetual - pensar um projeto para a eternidade não tem o mesmo peso. Tudo encontra agora a sua fundamentação: os responsáveis por conquistar os pólderes não tinham tempo para descansar. Ainda relativo ao poder sobre a paisagem, obras de engenharia de proporções imensas como o *DeltaWorks*, o *ZuiderzeeWorks* e o *Zandmotor*, intervenção da passada década, perpetuam esta atitude de domínio e ingénua subjugação e vitória sobre a natureza. São obras de orgulho nacional, do continuar da tradição de batalha e conquista de terra ao mar, complementados por um outro estandarte neerlandês: o progresso tecnológico.

É, no entanto, importante ressaltar que esta ideia tem vindo a mudar, como já foi mencionado anteriormente. Passados oito séculos o povo neerlandês começa agora, fatalmente, a ceder e ensaiar alternativas para lidar com a subida do nível das águas do mar. É o início do fim do oxímoro natureza - antinatureza que tanto me sugestionou desde o início da minha experiência nos Países Baixos. Rendidos à obstinação do mar, conformam-se agora com a necessidade urgente de trabalhar em conjunto com a natureza. Tomar as precauções necessárias e aceitar o avanço do mar, adaptando-se a um novo desafio.

O *Plan Oieever* é crucial para definir e distinguir a atitude neerlandesa a partir da década de oitenta do séc. XX, sendo o início “formal” da forte convicção de que a paisagem pode ser feita ao longo do tempo (Dooren, 2017, p. 141), podemos atuar como impulsionadores da natureza, providenciando as condições para que esta se desenvolva e tome o seu rumo. O processo é um pouco paradoxal e contraintuitivo, a intervenção/artificialização de uma área com o objetivo de a tornar um espaço natural parece um contrassenso, algo à partida impossível. O contrassenso é irrelevante, o importante é o estabelecer de uma nova - e segunda - natureza.

Esta transição entusiasma-me, com ela ocorre a oportunidade de pensar e projetar a uma grande escala, manifestar a atitude neerlandesa do *design with nature* que tanto me fascinou com o *EO Wierjs* em que participei e no infame *Plan Oieever*. O pragmatismo e crença otimista no futuro pode ter efeitos particularmente interessantes e revolucionar novamente a disciplina da arquitetura paisagista.

HET PARK - PERCEÇÕES E AFETIVIDADES

Durante a estadia em Roterdão, a afeição com a cidade e a fundamentação da minha rede de lugares prende-se maioritariamente com o espanto causado pela impressão estética, ou com a memória e experiência, que adquire assim significado particular. A relação que estabeleci com o *Het Park* distingue-se dos restantes lugares, que foram sempre partilhados com alguém - é só meu e partilho-o, paradoxalmente, com todos. Descrito por Yi-Fu Tuan, em *Topophilia* (1974), é a categoria do sentimento topofílico que se manifesta “quando [a percepção do ambiente] se mistura com a memória de um acontecimento humano; quando é enriquecida por uma sensação de bem-estar físico tão forte que transborda e abraça uma parte do mundo; quando a vida universal parece envolver-nos com simpatia”. Para Assunto (2011) é o recreio passivo, o vento sobre os ramos das árvores, os aromas da vegetação, o ruído da água, a variação das estações: a temporalidade inclusiva, a ascensão temporária a uma existência partilhada e o sentimento de pertença a algo de nos transcende e envolve tudo o que vive. É contemplar e viver ao mesmo tempo, é estar presente no presente: “a nossa vida sente-se elevada a uma dimensão na qual o passar do tempo nos restitui tudo aquilo de pensávamos” (Assunto, 2011).

O Parque existiu como lugar de recreio, foi onde notei o avançar das estações, o cantar dos pássaros e a sazonalidade das florações. As suas qualidades estéticas intrínsecas, as intenções do seu desenho também me cativam, mas foi em todos os seus usos e potencialidades que encontrei este sentimento vital e a maior satisfação.

Este capítulo pretende, através de uma série de entrevistas realizadas *in situ*, explorar a relação da população com o Parque. Um ensaio ao ar livre na procura das diferentes categorias do sentimento topofílico, associando aos sentimentos reais dos entrevistados as motivações propostas na obra de Tuan (1990). Mais uma vez, as oportunidades apresentadas pelo contexto de uma cidade tão diversa e multicultural desempenham um papel relevante, sendo-me possível interagir com pessoas de culturas, faixas etárias e origens diferentes - aspetos extremamente relevantes para a percepção e atitude individual. Como muitos dos meus lugares em Roterdão, o *Het Park* existe, para um dos entrevistados, como a manifestação física da experiência e memória de

momentos bem passados entre amigos.

Identifico, na mulher espanhola que entrevistei, uma situação muito similar à minha – uma estudante de Erasmus deslocada, cujo momento de regresso às origens se aproxima. Muito como eu, em vésperas da sua partida, revisita os seus lugares numa cerimónia nostálgica e saudosa. Não revela nenhuma atenção particular na escolha do seu espaço nem uma compreensão mais profunda do Parque, sendo estes apenas um lugar agradável, que visita pela sua calma e cuja descodificação acomoda todos os usos.

Encontro também quem se relacione, ainda que não propriamente com este lugar, de uma maneira similar à minha – o sentimento vital de Assunto (2011) é descrito de uma forma expedita e clara por uma leitora em repouso contra o colo de uma árvore. Sobre todo o espaço exterior arborizado, que permitam o repouso e a leitura, a leitora diz: “faz-me sentir mais conectada com a natureza e comigo”.

Novata no Parque, mas versada no recreio individual das leituras ao ar livre -em particular em *Kralingse Plas* – opto por explorar a sua relação com um lugar que é realmente seu. É uma relação de familiaridade, de bem-estar físico e mental e de superação pessoal. O lago modera a azáfama e pesar das responsabilidades e dificuldades académicas, permite o desligar momentâneo desse universo e rotina e proporciona o recreio. É aqui que se restabelece, numa rotina que aos poucos lhe dá a conhecer todos os recantos deste lugar – a cada dia o colo de uma nova árvore. Sobre este lugar, a particularidade do mesmo e a função crucial que desempenhou e ainda desempenha, ecoam novamente as palavras de Rosário Assunto, a leitora admite que “por alguma razão eu sinto sempre que há um qualquer ciclo neste mundo e que eu irei, de alguma maneira, encontrar sempre o meu lugar”.

A familiaridade e compreensão acumulativa do lugar através da experiência manifesta-se durante a conversa com outro entrevistado, Simone Botasso, compositor e instrumentalista italiano. O Parque faz parte da sua rotina, inserido numa rede de lugares que se disponibilizam às tarefas e prazeres diários: “responder a emails, ler, compor, ouvir gravações”. A escolha do local dentro do parque revela atenção, experiência e afeição: a preferência pelas margens do canal, mais íntimas, calmas e silenciosas, acompanhadas por grandes faias e plátanos – informação que “não devo partilhar, para não revelar o seu segredo e lugares secretos” (Botasso, 2023).

A memória também tem algum peso na valorização do compositor italiano sobre o Parque, que toma a iniciativa de recontar um episódio muito peculiar que se desenrola neste

lugar: a experiência partilhada, numa visita do irmão à cidade, de um improviso musical marcado pelo ritmo imprevisível dos passos dos patos que habitam o parque.

Da família neerlandesa entrevistada obtive respostas mais funcionais e pragmáticas: a rotina diária com o cão, o passeio de fim de semana relaxante com toda a família, a ligação com a natureza e a celebração tipicamente neerlandesa do verde - “é o oásis verde no meio da cidade”. Isto também se expressa através da memória, a simples evocação de acontecimentos: as visitas ao parque estão presentes desde a infância, ver os barcos a passar a partir da promenade, os festivais no parque, a abertura do restaurante e boas memórias dos anos oitenta.

Como o entrevistado anterior, Botasso, também esta família demonstra alguma atenção às particularidades das diferentes opções de espaços que o Parque oferece, revelando relvados e bancos favoritos. Este ocupa, sem dúvida, um papel importante na sua vida - com ele mantêm uma relação íntima, que transcende várias gerações e inúmeras alterações ao longo desse tempo. Talvez seja a afeição acumulativa do ordinário, a simples apreciação do lugar por este ter sempre existido.

Ao contrário da minha afeição, que parte da impressão estética, do espanto da novidade – a perspetiva do turista – a sua relação com o parque é a do nativo: a sua atitude complexa derivada da imersão total do seu ambiente. “A atitude complexa do nativo só pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, da lenda e dos mitos” (Tuan, 1990).



FIGURA 57 - ASPETO DO HET PARK, PRIMAVERA DE 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído este ensaio, resta-me agora refletir sobre o seu impacto, tanto do ponto de vista afetivo e pessoal como do ponto de vista profissional, de arquiteto paisagista.

A metrópole de Roterdão é-me querida, sendo a sua imagem definitiva a de um palco de espetáculos perpetuamente permeável a todo e qualquer programa, capaz de satisfazer, na sua malha urbana de retalhos, todos os gostos, culturas e nichos. Uma cidade de oportunidades, acasos e imprevistos, onde duas caminhadas dificilmente conseguem ser iguais - é um local que não se dá à monotonia.

Sinto que, por estas razões, Roterdão consegue representar, através da sua imagem e vivência, o que acabei por estabelecer como o modo neerlandês: inquieto, audaz, ingénuo e pragmático. Estas valências acabam por se opor e balançar um equilíbrio peculiar e funcional. Não consigo deixar de ponderar que a cultura e o capital desempenham um papel crucial na viabilização deste método - se as condições reunidas não fossem ótimas dificilmente seria possível concretizar grande parte das suas ambições.

O contacto com os Países Baixos moderou a minha expectativa da Europa Central de povos mais trabalhadores, visionários, produtivos e, de certo modo, mais desenvolvidos - um ideal de civilização. Sinto agora que talvez seja um compromisso, o abdicar do bom tempo e de uma existência mais leve e descontraída.

Vivenciar as diferentes camadas e etapas do sentimento topofílico, num ambiente perfeitamente novo, de um modo consciente, que busca interpretar, teorizar e compreender de que modo este influência a relação dos seus habitantes com a paisagem foi uma experiência singular: um *puzzle* ou novelo que é progressivamente desemaranhado e confrontado com a minha visão individual. Esta descoberta constante é extremamente enriquecedora: exercita o pensamento crítico e a empatia, questiona a firmeza das nossas crenças e desperta a ponderação de variáveis que foram desconsideradas até então.

A elaboração dos mapas toponímicos permitiu-me visualizar a relação que estabeleci e fui mantendo com o espaço ao longo da descoberta da cidade, os locais que, por um motivo ou outro, conseguiram ir além da impressão estética e sedimentar-se como lugares (Fig. 58-61). Assim sendo, é-me possível assinalar o motivo principal por detrás desta afetividade - a experiência. Foram os amigos e as memórias que imprimiram sobre eles esta valoração. O *Het Park* talvez seja o único lugar a distanciar-se desta norma. Não o tendo partilhado com ninguém em particular, a minha afetividade parte, não da memória ou experiência, mas de um sentimento de envolvimento e pertença à vitalidade - a *temporalidade inclusiva* de Rosário Assunto (2011).



FIGURA 58 - MAPA TOPOFÍLICO DE ROTERDÃO (I), IMPRESSÃO INICIAL APENAS ESPANTO (LARANJA). FEVEREIRO DE 2023

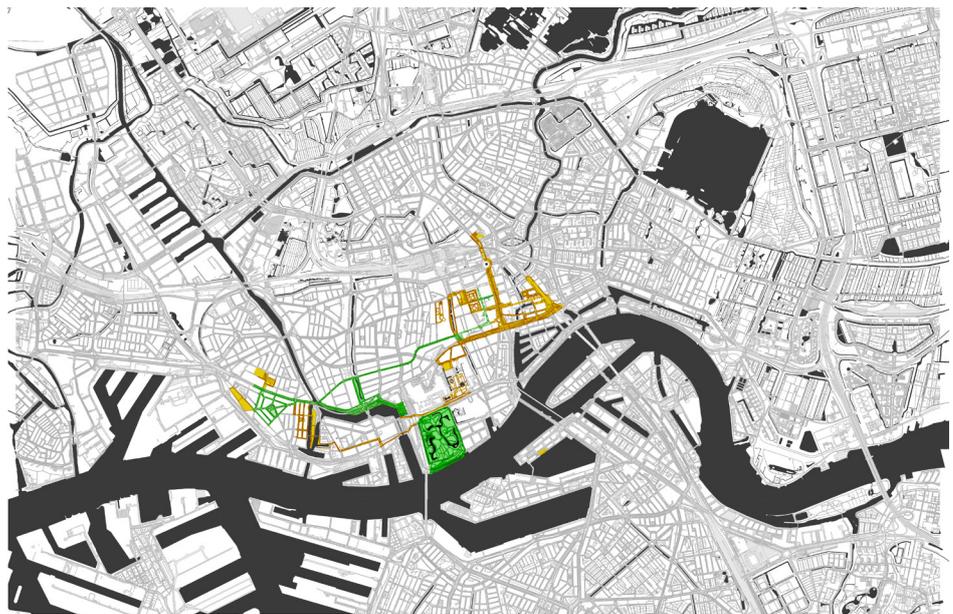


FIGURA 59 - MAPA TOPOFÍLICO DE ROTERDÃO (II), FAMILIARIDADE E ROTINA (VERDE). MARÇO DE 2023



FIGURA 60 - MAPA TOPOFÍLICO DE ROTERDÃO (III). , DESCOBERTA DAS VIZINHANÇAS NORTE E KRALINGSE PLAS. MAIO DE 2023

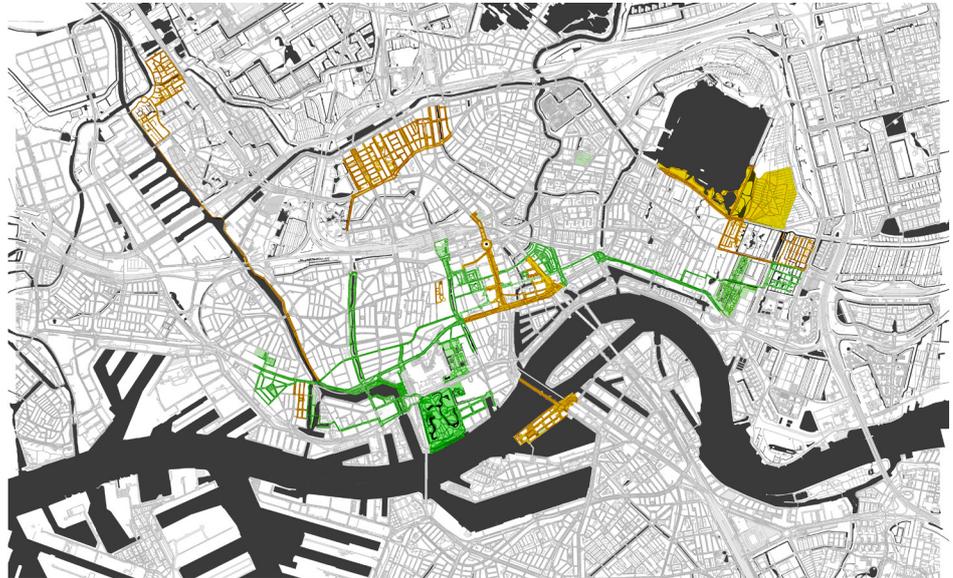


FIGURA 61 - MAPA TOPOFÍLICO DE ROTERDÃO (IV). FAMILIARIDADE, AFEIÇÃO E ESPANTO INABALÁVEL. SITUAÇÃO FINAL, JULHO DE 2023

A experiência no *atelier* elevou a minha ponderação, complementando o conhecimento acadêmico com a realidade profissional: as dinâmicas particulares do trabalho em equipa e o entusiasmo que lhe pode estar associado; o contributo acumulativo de várias mentes e mãos sincronizadas num único ideal; o pragmatismo emocional necessário face a constrangimentos relativos ao programa, ao tempo ou ao orçamento; ao nosso papel como impulsionadores, motivadores e moderadores, responsáveis por contaminar e cativar a população, os empreendedores e os clientes; a perpétua ambição de imaginar a utopia e tentar prevenir, a todos os custos, o compromisso.

Do ponto de vista técnico e criativo, do desenvolvimento da linguagem e de soluções gráficas tenho em muito a agradecer ao contacto com os meus colegas, à sua ajuda e motivação constante para ir além e apresentar um resultado visualmente cativante (Fig. 62-63). Aprecio também a confiança e liberdade que me foi dada para trabalhar e contribuir verdadeiramente para algo relevante, coliminando num trabalho a solo para o concurso de *Emmen*, ainda que de humildes dimensões (Fig. 64).



FIGURA 62 - SECÇÃO ESTILIZADA DO PARQUE PROPOSTO PARA O PROJETO BARENDRECHT FOOD DISTRICT. JULHO 2023



FIGURA 63 - VISUALIZAÇÃO PARA O PROJETO BARENDRECHT FOOD DISTRICT. JULHO 2023



FIGURA 64 - PLANO GERAL PROPOSTO PARA O CONCURSO DE EMMEN. MAIO DE 2023

REFERÊNCIAS

Assunto, R. (2011). A paisagem e a estética. Em A. V. Serrão, *Filosofia da Paisagem: Uma Antologia* (pp. 339-375). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Augé, M. (1994). *Não-Lugares - Introdução a uma antropologia de supermodernidade*. São Paulo: Papirus Editora.

Cabral, F. C., & Telles, G. R. (1999). *A árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Deunk, G. (2002). *20th Century Garden and Landscape Architecture in the Netherlands*. Rotterdam: NAI Publishers.

Dooren, N. v. (2017). "Drawing time: The representation of change and dynamics" in *Dutch landscape architectural practice after 1985*. (pp. 15-359).

Geuze, A. (2018). *The paradox in perception of the Dutch landscape: a landscape with three souls* (palestra inaugural). Retirado a 12 de setembro de 2023 de www.wur.nl/nl/nieuws/De-paradox-in-de-perceptie-van-het-Nederlandse-landschap-een-landschap-met-drie-zielen.htm

Heyde, S. (2017). The Dutch tradition of modernist landscape architecture and the legacy of Hans Warnau (1922-1995). *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes*, 38:1, 57-72.

Iedema, J., Schlette, A., & Kullber, J. (2019). "The Dutch landscape and Dutch identity". *Social and Cultural Report-Thinking of the Netherlands*, 2-34.

Meeus, J. H., & Vroom, M. J. (1986). Critique and Theory in Dutch Landscape Architecture in *Landscape and Urban Planning*, 26.

Roncken, P. A. (2008). "How the Dutch design the Sublime: A short history of Landscape Architecture in the Netherlands". *Landscape Architecture*, 4-6.

Toorn, M. v. (2022). *Landscape architecture at Wageningen (Netherlands) The last 50 years of teaching and research*. *Projets de paysage*, 4-19.

Tuan, Y.-F. (1990). *TOPOPHILIA: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values*. Nova Iorque: COLUMBIA UNIVERSITY PRESS.

ANEXOS

ENTREVISTAS

1. COR GELUK

The point here is just to get your attitude towards landscape, the landscape architecture. To understand how you work and how you feel about landscape. How was your experience studying and how you got into landscape architecture? How was building up the education on it?

Yeah, my studies came from the, very much the practical side. So, I first did general high school, and then I went to the gardener school, the horticulture school, so that I was able to know all the plants, and I was taught how to construct a garden. I made garden designs. So, it's really kind of garden related. Then I decided to go further and study landscape architecture. And after that, I decided to do my master in urbanism. Um, here at the academy in Rotterdam. So, all in all, that's the long line. Because it's four schools, the high school, horticulture school, landscape school, and then urbanism. So, I was done when I was 30. And by then, the curriculum of the academy master was 6 years.

And how was shifting from, this horticulture to landscape architecture and then to urbanism? How was the change in mindscape and attitude?

It's completely different kind of schools. Because the horticulture school is a very kind of practical school, but still, I found it very smooth, because the base I got is the kind of practical base you need to become a landscape architect. For example, I think, I learned 1350 species of trees, shrubs, and plants at the horticulture school, And I really had to know them and know how to work with them and stuff. If you start to go into the landscape architecture school and you have already your kind of toolkit by hand, it's much easier than if you come from, just directly from high school and you know nothing. You must learn it all. The landscape architecture school was of course much more conceptual, it was much more of a thinker school. So, the mindset is different. But the knowledge you have is, yeah, very handy. So, I think I had quite an advantage when I entered the school. And, yeah, then you see also you make your steps more quickly. Yeah, of course. Already know the material you're working on.

Could you come up with a definition of landscape, your own definition of landscape?

I don't really have a clear definition in my head. The only thing is that I think there's a huge difference in our profession between dealing with urban spaces and dealing with really landscape related aspects. For example, here we have the whole water management and dike issue, how do you treat that in our profession? That for me is really kind of large-scale landscape architecture. Part of it is the urban landscape architecture: doing the parks, the squares, the streets, and all that kind of stuff. My biggest interest goes into this urban part of our profession, so for me, landscape architecture is the whole kind of public space environment, that's my focus. And that can be both in a very urban situation like we are here in Little C, but it can also be in a very rural situation where you make the plan for the years to come.

And what do you feel like is the range of landscape architecture?

So far, we, as designers, have a task or a role in regional planning. So regional planning is not just seen as technical thing, you can also design on this level. And I think that's something we really should take into consideration, it's important that you can see on a more rural level and a more urban level. We did the EO competition and that was a broad regional perspective, but at the same time urban, with a kind of high urban programming. There are also other parts of the EO Wiejrs competition, which deal about Zeeland or other areas in our country, which are far more rural and for example have to deal with issues like the future of farming or forestry, which I think is also very interesting, not too much for me, but it belongs to our profession.

I've been reading a little bit about this and what I understood so far is that the landscape here actually comes from the urgent need to fight back the water, regain land, and this is how you kind of approach it, right?

So, we started from the year 1100 to organize the country, not as landscape architects, more in an engineer way of doing it, to get dry feet. So in our culture, it's really that we like to organize things. Uh, and organizing, you can also do it in a design way. But you probably noticed all around here. We're organizers. It's very methodical with the agendas, all the timing, all the meetings.

What do you feel like is the role of a landscape architect?

This can be different roles. The basic role is to design things. But you can also be an initiator and a motivator. So, the role is not just to make it, but it's also to get people around you and be in the middle of the process and try to convince them of your way of looking at things. We have a kind of responsibility to get things going in a good way.

What do you look for in a good landscape architecture project? What makes a good project?

Well, let's say a good project is always a good design. Because without the design, I don't think... well, it doesn't matter what you do. But it's not only the design. A good project is also a good process. So, uh, are we able to get people together? Are we able to create an atmosphere where we like to live in our solutions? Where we are, we have a kind of positive attitude. I think our profession is one of the few professions which always has a kind of optimistic way of the future. We see opportunities. And from this point of view, we like to bring the world further. So now, if we are capable of bringing our optimistic way of looking at the world to other people, the outcome is a good design. I think that's the way we should do it. But the product doesn't go without the process.

How do you feel like Dutch landscape architecture stands out?

So, um, since we are these organizers... We are always kind of organizing space, whether we like it or not. And even if we don't organize it or deliberately don't organize it, there's a kind of explanation behind why we don't organize it. But to leave it like it is or not to take care of it, it's not something in our genes. Everything is meaningful, even if you don't do it. And what I think is also typical Dutch is that we think we probably can design everything. So, like if you live in a country, whether it's mountains or you have an ocean or you have a desert, or more extreme nature, this is not something you can design or do anything. This is what nature brings you. Well, in Holland, the whole countryside is kind of nearly flat, something you can design on. And something you would like to change or do things with. So nearly our whole countryside is a kind of playground for change. This has two sides of it. One side is that this creates lots of opportunities. The downside of it is that every space is a kind of, open for new visions. So that can also create a kind of uncertainty.

You think you are living in a place and it will stay there forever, and there comes the landscape architect saying, "there's no way". Um, and there's a good example for it: in 1953, there was this big flood in Zeeland, a lot of the country was flooded, and we made this kind of very strong organization plan to keep the water out of it. Dikes, barriers, all kinds of things we invented, locks, the whole thing. Now, once it was safe, three decades later, there came a plan to get one of these polders, which we now got dry, flooded again, to recreate nature. So suddenly the safety of being dry was put to question again. So, we keep playing with this country all the time.

What is the Dutch attitude towards landscape?

We can make things. We can put it in our hands, and we can organize it ourselves. We are capable of making even land. Nothing is impossible.

2. FLOOR HENDRICKX

How was the experience in college? How did you take landscape architecture?

When I graduated high school, I wanted to make something and go study something that's making something, but I didn't want to go to art school. So that's why I chose landscape architecture, and then I decided I wanted to go to a very practical school. So in the Netherlands, you have a division between universities, and... Colleges, which are more practical than university. Um, and so I went to see Wageningen, the university here, and also, this school in Belgium that is more college. And I went there because I felt like I would learn more of all the plans and not just the engineering side of it. This was a school that really comes from a garden architecture school, and it's based originally in a nursery, a tree nursery. So, the college version in the Netherlands and the two in Belgium, are all based on old nurseries. And that comes from the garden architecture point of view from where they started, that's also why they're so practical. I learned a lot of the small scale and the middle scale. So, gardens and urbanism. It started on a small scale and then we got up to regional planning and stuff like this. Yeah, and we had regional planning, but looking back to it now, it was more like an introduction to it. The first project we did was like, oh, go to your hometown. Take a walk through the landscape where you live and that becomes your project area that you start to design. You must analyze and decide what would you change? It was very experienced based.

It's very different from this systemic landscape that I was eventually introduced to. So, when I was done with that, I felt like I wanted to keep studying. We did some internships as well, so I had some professional experience. I liked the practical side of the area so that's why I went to academy instead of going to university. Where you do a master's program, but at the same time, they're still very much focused on the making and design aspect and less on the science and engineering aspect of it. Which I personally really like. So that's why I went to the academy. And what's nice is there you really get an interaction with urbanism and architecture, an aspect I really liked about it.

Do you feel like this practical approach may have made you miss out on something more theoretical?

Yes, in the sense that I am not so good at this landscape system design and this big landscape regional planning, which I am now trying to compensate for with my graduation project. One of the reasons I have struggled so much with it has to do with the fact that I'm not really schooled in this way. And I feel that in the Academy they are not so good in the scientific based approach and all my teachers have always been loosely quoting and supporting statements with articles they had no deep knowledge about and then people would base their whole design on a somewhat poor construct. Well, now I'm trying to be more systematic and it's difficult, but I know I missed this part a bit. I'd like to be able to do it, but I don't want to be necessarily very good at it. So that is also why I'm in this office, I guess.

If you could give me a definition of landscape, what does it mean to you?

For me, landscape is a place that is accessible to everybody. It's the open space, it's the space you see, it's for everybody in a way. Maybe not exactly to go there, but to see it at least. And that's something I always really liked about it; it makes me feel like I'm doing something for everyone. I feel like, you know, if you go to art school or design school, you feel like you're designing stuff but only the high class can pay for it. And in landscape architecture, that's actually, for everyone, it's art for everyone. Most of the time, for everyone.

What do you think is the range of landscape architecture? And I mean from project to planning or even politics. How far are we able to contribute?

I do think sometimes designers think they should be involved in every conversation, and they can be able to find the solution to everything. And with that, I disagree. But what I do like is that we can contribute to give people an image of how it could be. But that's maybe even broader than landscape architecture. I think a lot of designers, also architecture and graphic designers can contribute in this way to visualize a bit where we should go or where we could go and to give people sense and make them less scared as well.

And what do you think of our role as landscape architects?

I think that's kind of the same. At one point at the academy, we did an excursion, and we went to a neighborhood with architects, urban and landscape architects. It was this one thing we in the Netherlands have, these neighborhoods that were developed in the 80s, completely new cities in new places. They just built a lot of houses, and everybody went to live there. A lot of people hate them now. Mostly because they're too much in the middle of nowhere. So, people just live there, and nothing else is happening there, they're a bit isolated. Often you need to have a car to go there. So, a lot of people are displeased with them. And at some point, one of my classmates was saying to the head of urbanism: everyone hates these communities, but the truth is that people are living here, and I don't think they hate to live here. And then the head of urbanism said something that I always really loved, and he was saying, like: we necessarily design places that will make people happy because, you know, there are a lot of things in a person's life that make them unhappy. To conclude, we shouldn't make our role too big, but at the same time we shouldn't underestimate it as well.

What are you looking for in a good landscape architecture project? What makes a good design?

That is tricky because we have multiple scales, but this is fundamental for landscape architecture. I personally really think it's important to pay attention to all the different layers in the design. And I mean that quite literally, especially in planting, you know, that it's layered and you're not just thinking of grass and trees. That's what we do that an architect and urbanist cannot do - the planting. Layering, ecology wise, is also something I really appreciate, and think is very

important. And the second thing is this attention to social places and how do you make sure that people feel welcome, and feel like they're allowed to be there, the social aspect of the design. If a place works socially, then it can have a more ordinary or lackluster design, but I will still really like it. If a person feels like they have fun there or they can enjoy and sit, if they use it, then it's okay.

How do you feel like Dutch landscape architecture differs from what you learned or what you think?

I think in Belgium, there's much more attention to detail and a big reason for this, I think, is because garden architecture is much bigger in Belgium than it is in the Netherlands. The title of landscape architect is also not protected in Belgium and doesn't have a big status. There's no master's degree there. So, the big regional planning is not really done by landscape architects, it is done by urbanists or spatial planners. There, landscape architecture is much more urban and small scale. Yeah, so that is a very big difference. I'm always impressed if you go to Belgium to an office also, the landscape architect is much more responsible for the engineering than it is in the Netherlands. They are actually drawing a lot of these technical details and writing all the documents that you need for execution; it is all in the responsibility of the landscape architect. It makes sense then that your knowledge is more in that direction. Philosophically wise, then, they're also much more focused on details. As a nation, maybe also as people, I think they're quite interesting. They make some very cool stuff. In Belgium they use much more expensive and high-quality materials in public space. Details are always super sharp. That's their thing. Unfortunately, a lot of the things that they make are also more mineral. For some reason, in Belgium, cities are more mineral places than in the Netherlands.

Has the legacy of garden architecture and centuries of fighting against the water somehow shaped your attitude to a more functional or utilitarian way of dealing with the landscape?

Yeah, I think this is definitely a big part of the Netherlands. However, personally, I'm a bit also an observer of this because I'm more from the south. So, I didn't grow up in this land that was reclaimed from the sea. But I think that's a very big attitude in the Netherlands, um, I just, I personally don't relate to it, but I see it. I see your observation as well, I would say.

Do you think that's a distinguishing feature of Dutch landscape architecture?

I think there is a lot of logic in it, logic, and science, it's not very romantic. It's very functional you know; everything has a purpose and it's done with a reason.

3. JOSÉ BARROS

What I understand is that you studied architecture in Ecuador still? And then you came to Italy to do urbanism, the master's in urbanism?

Yes. Not urbanism per se, it has a very flashy name. The name of the program is Sustainable Architecture and Landscape Design. It was pretty broad, which was actually why I like it as well, because at some point you were presented with a site and then you have to define your specific problems and your solutions after you define your problems. Some people would be working in master planning, you know, on a regional level. Some other people would be working in pavilion design and stuff like this. So, you cannot define your scale and your scope in that matter, but this is a little bit of landscape work. I think that they help you be more sensible to landscape matters you know, you are always in the landscape.

Could you come up with a definition of landscape?

I've been struggling a bit with this. It's a tough question. I think it's not a static thing. You know, I don't think it should be like, okay, I must define what landscape is, and then I live with this concept. I think it's something that constantly changes. Because landscape is perception. It is perception, it's something that you see, that you feel, that you can touch. For me, landscape is perception. It really is going to be sometimes even imaginary.

Is it more of an experience?

In a way, yes. Um, but it's very difficult because when you think about experience, you think of a physical thing, but it can be just a mental experience. It could just be memory as well. So, it's something difficult

because it's not necessarily tangible. And it's something that is defined, personally and collectively. So, you know how I see landscape here, maybe very different of how landscape is seen in Ecuador.

This is why I'm doing this. I want to understand the different ways people perceive their environment.

What I'm saying is that you have your own perception. But also, you are directly affected by other people's perception, and you have this collective perception. So that is where here is. That is your reality, and each person's reality is different, and landscape is reality.

What you feel like is the range of landscape architecture? What I believe is that landscape architecture (and urbanism) is a very wide thing. It can be a project and design, but also reaches urban planning, landscape planning, regional planning, and politics as well.

Yeah. For example, if you want to be a minister of health, you should be a doctor, you know? So, I think it can work both ways, I don't like to see it as the role of the designer. The role of the savior, that can do everything, and I don't like that because that is was how it was seen for a long time... And now we are in a moment when it has evolved in a way that is so specialized that you almost cannot look at the complete picture. And I think that's a problem there, too. So it should be, then again, it's always, the sweet spot is the middle, you know? I mean by this is that we should be integrated in a big team where everyone should meet to take care of the problem. It should be in this sweet spot, we should be smart enough to understand that you cannot do everything, but also you shouldn't be so fixated in one thing that you lose the general picture. We are affecting ultimately other people's realities or lives. So, you should be understanding also that there's a psychological part, there's a health part, there's a everything, you know, it comes together in a way. And then, uh, it's funny that you mention this regarding politics because it's exactly what I said. I think that, for example, if there's a minister of housing, they should be someone who knows this and not just a random person. You must understand it, and not see it just as a cold thing, like a developer whose

only point is money and profit.

And what do you feel like is our role as spatial designers?

I think this is a very personal question. So, I believe the reasons behind that is going to differ. I'm going to have my reasons you're going to have in yours, but I do believe that we have social responsibility, that maybe it's even more transcendental than design itself. Design is our tool, or at least this is how I look at it, but I feel a social responsibility to make this a better place in whatever I do. If it is from designing a chair to designing a city, I'm going to try to make this better in the best way that I can. And designing is my tool. I'm a very optimistic person as well. So, I like to see a lot of the positivity in things. I do believe that we can make this a better place. That we can thrive for that so that when we are not in this world anymore, then it can keep going and every little, small grain counts for that.

What do you look for as a sign of a good design or a good project? What makes a good project a good project?

When I go to a place, I like that a place triggers my senses and my curiosity. So, when I'm curious, I feel happy, and I feel this needs to explore. When you are in a place that you feel excited and the more you look at it, the more excited about it you feel. It doesn't happen everywhere, sometimes when you pass a place and you don't even look at it because you probably don't want to, and it also has a lot to do with design. It's a very romantic way of experiencing it, I think. I do believe that this can be triggered first by people itself because we are social beings. So, people call people. And when there are people, it's because something is happening. Sometimes it's the design itself, but sometimes it's just about giving the space to let things happen. So, for me, a good design is a design that triggers you, triggers your senses, but also triggers you to do things there.

Going a little bit back to the other question when we're talking about roles and design, how do you feel about the Dutch way of designing?

One of the reasons why I'm here has to do with there being a space for experimentation and second, there's money. And with that I mean, experimental people are everywhere now, but you have more chances to do it there than somewhere else. And what I like about that is that here, because there's this freedom, it gives you the chance to say: okay, I want to put this out and I want to see what happens. And I know that there's a real chance that this may succeed. Whereas in other parts, there are so many people with so many amazing ideas, but then it gets just lost in the way.

And design is appreciated. Because, you know, I can put the case from my own reality in Ecuador. You won't find that much appreciation for the design in the design. Obviously, there are laws that tell you have to have a designer to do it, but if they cannot, they're going to do the very minimum, you know? So here I feel that it is a bit more appreciated. It's to say, okay, I'm going to invest money to make a good plan. And if I must change the design in the middle way, which happens a lot, they do it, you know.

Do you think there's a defining feature of Dutch design?

In the process, yes, totally. First, because they love to plan their life. The Dutch being is a planner, constantly writing on their agendas. And it also applies to the process, they must have to take these particular steps in this exact order, and this is the way to go. There is no room for unpredictable events, which are part of life and part of designing. And the more you do, the more you need to do it. For them it's great, you know? It's something that I appreciate and hate at the same time. Both in personal and in professional levels. Because, you know... First, I'm a very spontaneous person, so for me it's difficult to plan it in detail. Um, but even here, when you do a project, I can give you an example, we were working in Bergen Op zoom, still in the competition phase. The mockup of time distribution of the different design phases we sent, that was supposed to be a rough idea, was taken as absolute and scheduled immediately. And also, there's a lot of confidence in, you know, even though the Dutch might not be doing the best thing. They think they're doing something incredible and will not budge, which I appreciate in a way. It's totally different from my reality where I always tend to think, okay, I can do this and there's always room for improvement.

You need this confidence in a way, but also sometimes it can also create this blindness, this absurd blindness that makes you go: no, we do things this and that's the way and if it is not this way we won't do it.

And it can also have to do with this idea of temporary interventions, it is going to be remade in 20 years, so maybe I don't care that much, since it is going to change eventually. So, there is room for carefree experimentation.

What is the Dutch, the Dutch attitude towards landscape?

I think that there's a lot of control over it. But also, maybe because it has to be controlled because from the beginning it was controlled. And you see with, the delta works, you know. They are actually controlling the landscape there. And they want to have it as they want, as they please. Like we have it under control.

4. MARCO DI FLAVIO

How do you think your experience in architecture and urbanism influenced the shift into doing landscape architecture work?

I find the opposite more interesting, how the landscape influenced my point of view over the city and the design. I "discovered" landscape while doing the Urban Design Master. And so gave up the urban design to delve deep into the landscape. I approached it, much like the urban design, with my interest on thinking about the city on a big scale. The idea of planning as a way of improving a city, fixing some kind of problem. But then I noticed how, sometimes, what you discuss on paper, while planning on a big scale, is a bit unaware of the conditions of the location in which you are planning and you are making your decisions.

But that should be the basis of the work? Urbanism projects should come from an analysis, right? To be contextualized.

Yes. But the analysis chooses the criteria that they consider valid. Per example, the quality of a life is reduced to numbers, it's reduced to surfaces, it's reduced to programs. And then I realized how much these numbers do not really achieve a good, realized environment. What I found fascinating about landscape was the idea of making architecture, creating a space or interacting with it without doing a conventional way of doing architecture, which is building concrete. it's always a very anthropic device.

It was the first time I saw a completely different approach in which you want to minimize the artificialization - but not really minimize because it can be very strong and very present - and to play with different elements. So, we are not playing anymore with housing or pavement or I don't know which program, so we really move from the architecture conventional way. You design with trees, shrubs, grass, fields, materials and payments so I found that landscape work gives me an alternative to work on a big scale. I found it a soft, more humble way of being an architect.

It was the landscape that influenced my way of doing urban design, because it gave me an extra thing to consider during the process. So let's make urban design without playing with elements of the urban design, but playing with other elements that normally are not taken much in consideration or just seen as a removable layer of the project. Nowadays the two topics have gotten a bit closer, they both deal with the territory on a large scale, but work with different tools, and they should work together, not separately.

And did your definition of landscape change when you got in landscape architecture?

The first exam of landscape I did in my life was a faculty exam in the bachelor and the teacher asked me the same thing: What is landscape? And at that time, I didn't like the teacher, it was the same teacher I ended up having later in my master. And then I really liked her. And for me, that question was just speculating about nonsense... And what I answered was that today we have all the knowledge to make everything look natural. So, what I was saying was that we have so much experience and technological solutions that we can make something very artificial, being very natural looking. And of course, it was the wrong answer. And so, what is the landscape for me today? Everything and nothing. And so, I don't know if I have a definition... The most recent definition that I could agree with was from Bas Smets, that the landscape is what you look at. So, if you are over a crown of a tree, you look to your garden, that's the landscape. If you look up, you look to the mountain, that's the landscape. If you look at the city from a courtyard, that's the landscape. So, landscape is whatever is surrounding us.

What's the range of landscape architecture?

In landscape (works), urbanism, pure architecture, there is always a political behavior or act or a decision behind it, which operates in the scale of the landscape. I don't know if I could say that all the scales - or if this is in contradiction to what we said before. We cannot plan on a big scale, and we cannot control everything, but I mean, management also counts as work. You don't really have to do things from the beginning, but let's say that we have this territory, let's work in it in a way that it can evolve.

Maybe we need to say that space for humans can become much more, not even complex, but really complicated, because the natural systems are also very complex, but they're not complicated. In their complexity, they're very simple. And instead, us humans, we live now in a totally different way than the natural systems. So maybe we are being too complicated in our way of living today. So that's why it's difficult to plan for humans and maybe easier to plan the open spaces or the spaces that are not mandatory for humans.

What do you feel like is the role of a landscape architect?

There is no role. He has no role. No. He just needs to deliver a good design. I had this feeling of wanting to save the world. But if you do a good job, you are saving the world, you know? So it cannot be the starting point and the final point. In today's design of course we need to understand what the typology we are working on requires. There are rules of history set up to understand what one thing is and what it is not. And so if we consider ourselves contemporary, then we need to deal with the question of this time. So in a way, now we have an ecological issue. A designer needs to take care of an ecological issue, but it's just part of the job. Then saving the world is also just part of the job. But we need to be honest about how much designing a courtyard is saving the world. And this doesn't mean that you don't need to put all your ambition and inspirations in the courtyard. What we need is just to infect people with our ideas, more than pretend that we did something that is "technically" saving the world.

I give up on this. I give up on thinking that things need to follow some kind of standard because that is the right answer. There is no right answer. All there is is a good project or bad one.

And what do you think makes a good landscape project?

I am fascinated about that, but still this is wrong because I'm saying that I have ingredients that I want to see in my project. And so I'm already telling you that I know what I'm gonna design. And there is this list and this is contradictory to what we just talked about. But anyway I think if I were to be very generic there are good ingredients that belong to the landscape design. And one of these is the timing. So seasoning timing, when somehow in your landscape design, I can perceive time. Again, maybe also in architecture this is an important feature with the fact that I can perceive the time, but sometimes not, not, not really. In landscape, it just keeps getting better. Incorporating these changes in your design is probably one of the important elements.

There are a couple more things I also really like. The first one is when you experience a place and you understand that this is here for a reason, it is here to make me look at something or to make me feel a certain way. Intent of experience on the drawing. And one day you perceive it the other day you don't. And the other one is provoking new points of view over the space you're around or about how you perceive the world in general. So, if it's telling you something, the project that you are experiencing is getting you in contact with something new. The last thing I really like is feeling like the project fits in its context. I don't feel like - well, I do feel like I'm in another place - but I feel like it can only exist here.

How does the Dutch way differ from how you think about landscape?

I feel that for them the open space is a garden. And a garden for me is the persecution yourself or your house or of something personal, but outdoors. It's more intimate, it's personal. It's a space that is, by definition, controlled and managed by you, and in your garden, you can do whatever you want. So I feel that they have a big control attitude on what happens around us, what happens in the open space and I feel that they see the word as a garden, where you can do what you want. It's not more pragmatic, it's less pragmatic in the sense that when you want to do whatever you want in the outside world you will not feel allowed to do certain kind of things.

What is the distinguishing feature of that Dutch landscape architecture?

That everything is possible and needs to be done in eight hours. And then what we said before, that everything needs to be controlled, nothing can be left behind. Everything needs to be taken care of and must answer to certain standards. So things could go very fast or It could go very slow. I don't think there is much better management of time and resources here than other places. I think the fact is that they're just very full of resources in terms of money and the chance to do things. They are smart, maybe to manage their economy. Here, the municipality is maybe the only one that is not afraid to be ambitious. This I found really something that we miss out in Italy. And they play their role in the process and so we are, as architects, as designers, in between the municipality and the client. It's a public institution that really cares that things in the city are done with a certain standard in quality. So somehow it's almost like if they are the real designers, they, they're the one that are really keen in achieving things.

But also they are very pragmatic, like: question A, answer A; question B, answer B; question C answer C. There are no more questions. They are just trying to simplify and make everything work in a working day time. And I don't know, this is tough to answer because I do not work this way.

What would you say is the Dutch attitude towards landscape?

If we really look at the publication of every project on everything, we will only find that the main drivers of the work are just bullet-points of the "saving of the world" narrative: we need to be biodiverse, we need to deliver all possible qualities regarding ecology, water issues, etc. So I found the ecology side of the landscape design to be the one that drives and makes a good project for them. Sometimes they won't go looking further to explore other options or smart solution or ways in which you could really create a new harmony between humans, constructed and not constructive space. And if this design is not ecologically valuable, It is not a good landscape design for them, so I do think this is probably their standard of judging a project today.

5. ENRICO CORVI

You began to study Architecture in Italy and after that you got into urbanism, how was it?

So, I did architecture in Italy for five years, with my thesis subject around urban design. And then, I worked as an architect. But then I came to the Netherlands to study two years of urban design in a second level master's degree.

Did the attitude shift between Italy and The Netherlands?

In Italy the discipline of urbanism comes from architecture, while in the Netherlands, urban design comes from economy and management. Its origin is completely different because it's thought of as management of the land. And it kind of makes sense when you see how the whole country is managed, how everything is regulated and set in a certain way. And I cannot tell which way is better, but you notice it in the way you approach your design project. Here, you see that we do concepts, principles, and it's more about giving rules. While the approach that we would have from Italy or Portugal would be more about drawing the space, drawing the city as you would draw in an architecture project. To me it was a little bit complicated to adapt. The shift was kind of tough on me because I am trained to think with my hands.

Urban design here is about rules and regulations, policy making and direct application in space instead of a design itself as we could think it.

I think the Dutch are really good and very adamant in this thing of the concept, I think it's a cultural thing, they always have to communicate a lot to solve their problems and they have to formalize it in a certain way. Also with scenarios, they are a great tool because you can make a more democratic process out of the design process. And I think here they're particularly good at it because since the past they had saved the land from the water, and this requires a lot of debating and communicating.

I didn't think about this, but I was reading a little bit about it and the Dutch way of dealing with landscape is very democratic and very engineering driven, and then I thought that the concepts didn't really match this, but now I get it because it's about verbalizing an idea and having to explain it to a crowd of people. Even with the scenarios, facing the uncertainty and debating it in a democratic way, it all makes a lot of sense now.

If you really do participatory process with people in which you draw together, you manage to draw together, for example, the design, the scenarios may not be necessary. But when you upscale, especially at the scale of the city or when there is a huge amount of capital and resources involved, it's impossible to come to an agreement without using scenarios. It's more, it's still more accessible than drawing together, and not everybody understands sections or plan drawings. And the same goes for the moodboards because they are very easy to digest for who is on the other side, you know. It can also be deceiving, and give an untruthful image of the project, here is the risk that it can go in that direction, but with the mood board you can also explain nuances.

Since you also studied a little bit of landscape If you saw a shift in the way of thinking or even defining landscape?

Yeah, well, to me it's a, it's a shock how we do it here. I didn't study landscape too much, I did only one course. And I remember that my professor in Italy had an approach to landscape that, in retrospect, is very similar to here, you know. And what I got at the time seemed too random, because we did the course without gathering the knowledge in plants, you know? And then it becomes very similar to architecture, if you don't know the specificities of plants, soil and water and maybe light, for instance, a landscape architecture becomes very similar to architecture in the design which is very bad, because you cannot use the material with which you work to the full extent.

In Italy, I think, the traditional landscape design is becoming stronger now, but in general, my impression is that landscape design still comes from a tradition of architecture and in this sense it's more drawn. And paradoxically, I think that there is a more direct contact with the material. I cannot articulate this part, but in the traditional landscape, here there is more, there is more tradition in comparison to, it's more thought. Its more like in the university. I think that, they study more projects, and there is more experimentation, you know.

In Italy, we study more the history of the landscape, and maybe how it came to be in a certain way, and so we have a different approach and again, it's very cultural. I think because here all the land is manmade, especially in Holland, everything is manmade. There is no first nature. And sometimes really it seems to me there is no, uh, sensitivity involved. I also feel like its more naive. It's

not really thought out in the detail or with the depth that we would like. The word is less nuanced. It's left more to big gestures and big things. While in the Mediterranean we are more sensitive to what we have. It comes, I think also from the fact that we have less economic resources.

When I left the university here, I wanted to work in urban design and urban planning... Because I want to be a urban designer. What does that mean here? It means you're always pushing for commercial activities, pushing permeability of the plant, of the buildings and greenery on the facades. I feel that many times here, people are performing. It's a set of things that you can learn to repeat without grasping the essence. Really no sensibility, not a localized, contextualized intervention. Not at all. We are also in a very particular city; we are in Rotterdam.

The approach to the practice is very modernistic. It is not, um, holistic at all. We don't try to move in between the various architecture, urban design, and being critical of the context. We try to do not-modern things or maybe postmodern things, but in a very modern way. It's very intellectual in the sense that it happens in the brain and in the vision, but it's not related to reality, to space

What makes a good design? It doesn't really have to be designed, it could be a part of the process, it could be in a little detail or material.

Lately I'm having troubles also with this concept of the process, because I think that some of the greatest spaces in Rotterdam are completely top down. (Public) participation is not necessarily leading to good spaces, and this is another problem that I'm having. I would say that a good space for me, and the places in which I felt the most comfortable were places that felt spontaneous. Where people spontaneously organize in a certain way, and where the design in enables that. It's an intricate thing because I think that design can dominate and appropriate, but it can also be appropriated. So, to me, the best would be that the design doesn't necessarily impose, but it's appropriated by the people. Historical centers that are not completely gentrified feel very good because that architecture was not born for the use that we do now, but it still allows all uses, it is able to convert in another way. I think it really becomes an interesting thing when spaces are "given" to the people and the people do something that was not really planned. But it doesn't mean that design doesn't exist. This is, to me, is

where we push too far as designers. We want to create space and fill it with program. We're not leaving space open to be appropriated.

Do you feel like there's a distinguishing feature of Dutch design? Again, it could also be about the process.

I think a very big feature of the Dutch design is experimenting and pushing forward, you know? I think that this is still a distinctive feature. Here they do things that other people wouldn't dare to do. And it's just because they have this image in their head of themselves as inventors and experimenters. They really have an image of themselves, their vision of their country. That is something that we lack in Italy, in Italy. And this makes them do incredible things. It's also an incredible amount of money that they have because they, they waste a lot... Before I think I would've told you that, to me, the Dutch design was really the modernist and structuralist design, with a lot of attention to the details, I would have believed until some years ago. Now I don't know because, uh, I think they put green everywhere and act like it is really a distinctive feature. I feel kind of lost and maybe they are also lost. They approach the design through reference, and the reference is studied in a very shallow way.